

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP



ARTE: ANA ALICE FRANCISQUETTI - GRAVURA EM METAL SOBRE PAPEL JAPONÊS; MONTAGEM EM XEROX

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP
Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – www.aatesp.com.br/artigos.htm. Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: textos.aatesp@gmail.com

Editora:

Dra. Leila Nazareth

Conselho Editorial:

Dra. Leila Nazareth

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Esp. Maria Angela Gaspari

Dr. Sandro Leite

Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFG

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquimy Art

Ms Dilaina Paula dos Santos – AATESP

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Ms Marcieli Cristine do Amaral Santos - AATESP

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Dra Paola Vieitas Vergueiro - INIP

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Dr. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Arte sem Fronteiras/Faculdade Avantis

Ms. Tania Cristina Freire - AATESP

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – Escola Castanheiras

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Ana Alice Nabas Francisquetti

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Leila Nazareth

Maria Angela Gaspari

Sandro Leite

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2017-2018

Diretora Gerente

Regina Maria Fiorezzi Hardt Chiesa

1ª. Diretora Adjunta

Leila Nazareth

2ª. Diretora Adjunta

Dilaina Paula dos Santos

Diretora 1ª. Secretária

Valéria Carelli Ferrari

Diretora 2ª. Secretária

Clarice Batista de Almeida

Diretora 1ª. Tesoureira

Adriana Martins Andrade Franco

Diretora 2ª Tesoureira

Cristina de Barros Shigueru

Conselho Fiscal

Amália Velasco Alonso

Ana Alice Nabas Francisquetti

Claudia Brittes Tosi

Tania Cristina Freire

Revista

Leila Nazareth

Sandro Leite

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maria Angela Gaspari

SUMÁRIO

Editorial

Arteterapia intervindo em questões sociais	01
Leila Nazareth	

O uso do desenho projetivo da autoimagem no tratamento de mulheres toxicômanas vítimas de violência – uma experiência em Arteterapia	04
Ana Claudia Valladares Torres	
Aíla de Lima Oliveira	
Diane Maria Scherer Kuhn Lago	
Janaina Meirelles Souza	

O Florescer da Criatividade Humana: Arteterapia com Idoso	31
Renata Freitas de Almeida	
Tânia Cristina Freire	

Arteterapia e as deusas: um recurso para mulheres em situação de violência intrafamiliar	58
Bruna Monteiro Corread	
Elisabete Cristina Carmio Beltrame	

NORMAS DE PUBLICAÇÃO	77
-----------------------------	-----------

Editorial

Arteterapia intervindo em questões sociais

Leila Nazareth¹

A Arteterapia busca atuar em facetas muito heterogêneas da vida humana, levando a elas acolhimento e possibilidades de transformação, superação de dores e novos significados para as experiências de sofrimento, isolamento e impotência que caracterizam as relações sociais nos tempos pós-modernos. A pesquisa em Arteterapia deve abordar questões relevantes para a transformação de dificuldades individuais e também questões coletivas, como as desigualdades sociais. Neste número, estão contemplados temas cruciais para a sociedade brasileira: a violência contra mulheres e o cuidado a idosos institucionalizados.

Ana Cláudia Valladares Torres e colaboradoras nos trazem um estudo sobre violência contra mulheres, no artigo O uso do desenho projetivo da autoimagem no tratamento de mulheres toxicômanas vítimas de violência: uma experiência em Arteterapia. As autoras buscaram identificar a percepção da autoimagem corporal de mulheres toxicômanas usuárias de um serviço de saúde mental do Distrito Federal. Para tal, foram aplicados desenho projetivo da autoimagem e inquérito sobre o referido desenho, além de questionários e inventários para a compilação de dados

¹ AATESP 001/1203, Psicóloga (CRP 3204/06), mestre e doutora em Psicologia Social (PUC-SP) com especialização em psicoterapia de crianças, adolescentes e adultos - Jung (PUC-SP), Arteterapia (Inst. Sedes Sapientiae), Neuropsicologia (FCM Santa Casa). Trabalhou em equipes de Saúde Mental e na coordenação de Unidades Básicas de Saúde (Prefeitura do Município de São Paulo), em treinamento, desenvolvimento de pessoal e formação de gerentes (Projeto GERUS, Ministério de Saúde/OPAS). Atua na assessoria a entidades comunitárias na área de saúde pública e também em psicoterapia, reabilitaçãoneuropsicológica e arteterapia com adolescentes e adultos. Professora e supervisora do curso de Especialização em Arteterapia do Inst. Sedes Sapientiae.

sociodemográficos, psiquiátricos, com foco em ansiedade e depressão. O desenho projetivo da autoimagem foi destacado como uma técnica lúdica, que contribuiu para a despotencialização da emoção no papel e facilitou o acesso ao tema da violência, favorecendo, ainda, o diálogo com as experiências traumáticas. Foi sugerida, por fim, a continuidade e ampliação de estudos sobre o tema em pauta.

Renata de Freitas Almeida e Tânia Cristina Freire respondem pelo segundo artigo, O florescer da criatividade humana: Arteterapia com idosos. Trata-se de um relato de experiência aplicada a cinco residentes de uma instituição pública de longa permanência para idosos. Foram desenvolvidas oficinas arteterapêuticas com a proposta de mobilizar novos saberes e fertilizar potencialidades com os princípios da Arte. Os resultados mostraram-se significativos em relação à saúde e ao bem estar dos participantes, destacando-se, ainda, que a criatividade humana está conservada na velhice, à espera de condições favoráveis para o seu surgimento.

A Revista encerra-se com a produção de Bruna Monteiro Corread e Elisabete Cristina Carmio Beltrame, Arteterapia e as deusas: um recurso para mulheres em situação de violência familiar. Objetivou-se apontar aspectos conceituais e práticos na intervenção arteterapêutica em um grupo de mulheres vítimas de violência intrafamiliar. O trabalho foi desenvolvido em 20 oficinas em uma instituição do Terceiro Setor de uma cidade no interior do Estado de São Paulo. As atividades de Arteterapia relacionavam-se a características atribuídas aos arquétipos das deusas gregas. As mulheres conseguiram identificar-se com as deusas, o que as levou a superar a demanda inicial de recursos para o enfrentamento da violência intrafamiliar. Abriu-se um espaço para que as mulheres pudessem pensar no desejo

de si mesmas. O fortalecimento da autoestima apresenta-se como um caminho viável para a revisão das relações sociais e dos papéis tradicionalmente atribuídos à mulher: maternidade e cuidados domésticos.

Desejamos a todos uma boa leitura e lembramos também que esta Revista está aberta a receber a contribuição de vocês, com as experiências arteterapêuticas teóricas ou práticas, que tanto enriquecem nosso dia a dia. É com a luta diária e o fortalecimento científico que poderemos consolidar a Arteterapia como profissão no Brasil.

Artigo Original

O USO DO DESENHO PROJETIVO DA AUTOIMAGEM NO TRATAMENTO DE MULHERES TOXICÔMANAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA – UMA EXPERIÊNCIA EM ARTETERAPIA

Use of the projective design of the self-image in Art therapy for the treatment of drug-addicted women victims of violence – an experience in Art therapy

Ana Claudia Valladares Torres ²

Aíla de Lima Oliveira ³

Diane Maria Scherer Kuhn Lago ⁴

Janaina Meirelles Souza ⁵

Resumo

O objetivo do estudo foi identificar a percepção da autoimagem corporal de mulheres toxicômanas assistidas por um serviço de saúde mental. Foi um relato de caso da aplicação do desenho projetivo da autoimagem como recurso terapêutico no tratamento de cinco mulheres toxicômanas do Centro de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas, no período de agosto a novembro de 2017. O estudo foi baseado em desenho projetivo da autoimagem e de um inquérito sobre o desenho, mais um questionário sobre dados sociodemográficos e psiquiátricos e os inventários de Depressão de Beck (BDI) e de Ansiedade de Beck (BAI). As cenas com violência

² Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, Enfermeira e Arteterapeuta, registro n. 001/01003 da Associação Brasil Central de Arteterapia, Professora Adjunto da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: aclaudiaval@unb.br, aclaudiaval@terra.com.br

³ Graduanda em Enfermagem pela UnB, E-mail: aila.lima0308@gmail.com

⁴ Doutora em Enfermagem pela UnB. Enfermeira e Psicanalista. Professora Adjunto da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: diane@unb.br

⁵ Doutora em Enfermagem pela UnB. Enfermeira especialista em Antroposofia na saúde. Professora Adjunto da UnB. Brasília, Distrito Federal, Brasil. Email sjana@unb.br

foram marcadas por indícios de conflitos, dificuldades, passividade, agressividade e desajustamento social. Constatou-se que quatro mulheres apresentaram sinais de depressão e três de ansiedade moderados ou severos nos Inventários de Beck. Evidenciou-se que o desenho projetivo da autoimagem pode ser uma ferramenta lúdica que facilita o acesso ao tema de violência junto a mulheres que apresentam abuso de substâncias psicoativas.

Palavras-chave: Arteterapia. Desenho projetivo. Autoimagem. Toxicomanias. Violência contra a mulher.

Abstract

The objective of the study was identify the perception of the body self-image of drug-addicted women assisted by a mental service. It was a case report of the application of the projective design of the self-image as a therapeutic resource in the treatment of five toxic women of the Center for Psychosocial Care alcohol and other drugs, from August to November 2017, through a projective design of the self-image and a survey on the design, questionnaire of sociodemographic and psychiatric data and the inventories of Beck Depression (BDI) and Beck Anxiety (BAI). The scenes with violence were marked by signs of conflicts, difficulties, passivity, aggressiveness and social maladjustment. It was found that four women had moderate or severe signs of depression and three anxiety in the Beck Inventories. It was evidenced that the projective design of the self-image can be a playful tool that facilitates the access to the subject of violence with women who present abuse of psychoactive substances.

Keywords: Art therapy. Projective design. Self-image. Drug addiction. Violence Against Women.

Introdução

A violência contra a mulher é um fenômeno histórico, complexo e de difícil conceituação, suas raízes têm origem em estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais, e permeia as desigualdades sociais e de gênero (CORTES; PADOIM; KINALSKI, 2016). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014), vivenciar uma situação de violência prejudica o desenvolvimento vital das mulheres, que pode acarretar problemas graves para a saúde física, mental, sexual e reprodutiva, a curto e a longo prazo, gerando altos custos econômicos e sociais. As mulheres vítimas de violência frequentemente perceberam sua autoimagem corporal modificada, distorcida e negativa (FERRAZ; LABRONICI, 2015).

A Arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, e constitui uma prática transdisciplinar, que visa a resgatar o cliente, em sua complexidade e dinamicidade, por meio de processos de autoconhecimento e de transformação (VALLADARES-TORRES, 2015; 2016).

São escassas, na literatura, pesquisas que relacionem a saúde mental e os sentimentos de mulheres vítimas de violência com a imagem corporal. Dessa forma, este estudo objetivou identificar a percepção da autoimagem corporal de mulheres toxicômanas assistidas por um serviço Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas.

Método

Relato de caso da aplicação do desenho projetivo da autoimagem como recurso terapêutico no tratamento de mulheres dependentes de álcool e de outras drogas, que recebiam tratamento no Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e Outras Drogas (CAPS-ad III), localizado em uma região administrativa do Distrito Federal. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (CEP/FEPECS), sob o CAAE nº 44625915400005553.

Fizeram parte do estudo cinco mulheres adultas dependentes de drogas psicoativas usuárias de um CAPS-ad que já haviam sofrido violência. A escolha de casos foi aleatória por saturação. A coleta de dados foi desenvolvida no período de agosto a novembro de 2017 de forma individual e com duração de, aproximadamente, 90 minutos em cada atendimento. Para a coleta de dados, foram realizados os seguintes instrumentos: questionário semiestruturado sobre o levantamento dos

dados sociodemográficos, clínicos e psiquiátricos das mulheres participantes; desenho projetivo contendo duas autoimagens das mulheres participantes, em dois momentos distintos, durante a agressão sofrida e em outro momento sem agressão; inquérito semiestruturado, elaborado pelas pesquisadoras, a respeito do desenho projetado pelas mulheres. Também foram utilizados os inventários de Depressão de Beck (BDI) e de Ansiedade de Beck (BAI), que são escalas sintomáticas autoaplicadas de rastreamento de depressão e ansiedade presente na última semana (BECK; WARD; MENDELSON, 1961; QUINTÃO; DELGADO; PRIETO, 2013).

Os desenhos foram coletados em dia pré-agendado após o encontro inicial, quando se realizou levantamento dos dados sociodemográficos e psiquiátricos.

Realizou-se uma análise compreensiva e comparativa das duas autoimagens produzidas, com e sem violência e analisou-se de acordo com o enfoque da Psicologia Analítica de C. G. Jung, com o apoio de dicionário dos símbolos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017) e dos pressupostos do autor de desenhos projetivos (RETONDO, 2000).

Resultados

Foram incluídas na pesquisa cinco mulheres com idades entre 36 a 64 anos. Os dados sociodemográficos e a história de doença psiquiátrica de cada participante são descritas abaixo. Os nomes das participantes são fictícios, são nomes de flores e escolhido por elas.

- Verbena, 58 anos, residia em Brasília-DF com a família, solteira, tinha um filho de 24 anos que não residia com ela, negra, aposentada, tinha ensino fundamental

completo e era evangélica. Era alcoolista, tinha histórico de internações psiquiátricas e de várias tentativas de suicídio e apresentava como comorbidades depressão, artrose e hipertensão. Deu entrada no CAPS-ad há cinco anos e estava em uso de psicofármacos: carbamazepina (antipsicótico), amitriptilina (antidepressivo), clonazepam (ansiolítico) e prometazina (diminuição dos efeitos extrapiramidais). Nos inventários de Beck, apresentou sinais de ansiedade e de depressão severos. Tipos de violência sofrida: psicológica e moral, na adolescência e na fase adulta pelo companheiro.

- Margarida, 41 anos, residia em Brasília-DF com a família, casada, tinha dois filhos, de 12 e 2 anos que residiam com ela e o marido, branca, não trabalhava no momento, tinha ensino superior completo e era católica praticante. Era alcoolista, tinha histórico de residência transitória em comunidade terapêutica e de várias tentativas de suicídio e apresentava como comorbidade o transtorno afetivo bipolar. Deu entrada no CAPS-ad há um ano e estava em uso de psicofármacos: haloperidol (antipsicótico), naltrexona (antagonista do receptor de opióides), carbonato de lítio (estabilizador de humor). Nos inventários de Beck, apresentou sinais de ansiedade e de depressão severos. Tipos de violência sofrida: física, psicológica e moral, na adolescência e na fase adulta por seus companheiros.

- Orquídea, 64 anos, residia em Brasília-DF com a família, viúva, tinha cinco filhos com idade entre 35 e 47 anos, mas apenas três residiam com ela, parda, não estava trabalhando no momento, tinha ensino fundamental incompleto e era evangélica não praticante. Era alcoolista, tinha histórico de internação em hospital geral e apresentava como comorbidade a depressão. Estava em tratamento no CAPS-ad há

quatro meses e estava em uso de psicofármacos: carbamazepina (antipsicótico), amitriptilina (antidepressivo), clonazepan (ansiolítico). Nos inventários de Beck, apresentou sinais de ansiedade leve e ausência ou grau mínimo de depressão. Tipos de violência sofrida: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial na fase adulta por seu companheiro.

- Miosótis, 40 anos, residia em Brasília-DF com a família, casada, tinha dois filhos de 16 e 1 ano que residiam com ela, negra, não estava trabalhando no momento, tinha ensino médio incompleto e era católica não praticante. Era alcoolista, tinha histórico de residência transitória em comunidades terapêuticas e tratamento em grupo de Alcoólicos Anônimos (AA), de várias tentativas de suicídio e apresentava como comorbidades depressão, ansiedade e hipertensão. Estava em tratamento no CAPS-ad há 17 dias e estava em uso de psicofármacos: carbamazepina (antipsicótico), naltrexona (antagonista do receptor de opióides), diazepam (ansiolítico) e fluoxetina (antidepressivo). Nos inventários de Beck, apresentou sinais de ansiedade e de depressão moderadas. Tipos de violência sofrida: física, psicológica, moral e sexual, desde a infância até a fase adulta por companheiro e por desconhecido.

- Crisântemo, 36 anos, residia em Brasília-DF com a família, solteira, tinha uma filha de 16 anos que residia com ela, parda, não estava trabalhando no momento da pesquisa, tinha ensino fundamental completo e não tinha religião definida. Fazia uso compulsivo de múltiplas drogas: cocaína e *cannabis*, tinha histórico de internações psiquiátricas e apresentava como comorbidades ansiedade, depressão e sintomas psicóticos. Estava em tratamento no CAPS-ad há um ano e estava em uso de psicofármaco: clonazepan (ansiolítico). Nos inventários de Beck, apresentou grau


mínimo de ansiedade e sinais de depressão moderada. Tipos de violência sofrida: física, psicológica e moral, na fase adulta por companheiro.

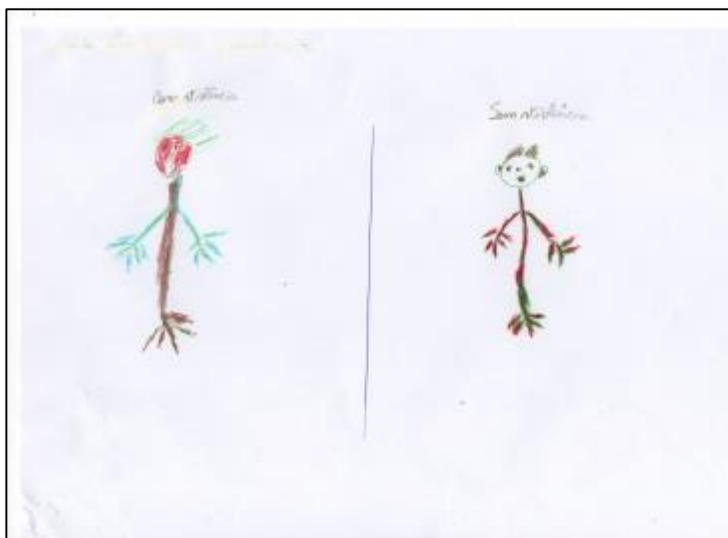
Sobre o Inventário de Ansiedade de Beck, os aspectos que mais tiveram pontuação entre as mulheres foram: sensação de calor, incapacidade de relaxar, sensação de medo que aconteça o pior, nervosismo, sensação de medo de perder o controle e assustada. Já em relação ao Inventário de Depressão de Beck os aspectos que mais obtiveram pontuação entre as mulheres foram: sensação de culpa, sentimento de que está sendo punido, ter ideia de se matar (aspectos cognitivo-emocional), apresentar desinteresse nas outras pessoas (aspecto sensação de perda), se considerar feia, apresentar perda do apetite e perda do interesse sexual (aspecto comportamental-somático).

As principais características resumidas dos achados predominantes encontrados nos desenhos projetivos das autoimagens realizados pelas mulheres toxicômanas na cena com violência sofrida e sem violência sofrida estão representadas no Quadro 1. Os nomes das participantes são fictícios.

Quadro 1 – Descrição das modificações dos desenhos projetivos realizados pelas mulheres toxicômanas, contendo as duas autoimagens, com e sem violência sofrida. Brasília, DF, 2019. (n=5)

Participante	Autoimagens/Título
<p>Verbena</p>	<div data-bbox="593 412 1289 913" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="411 972 935 1003">Lado E - com violência, título: “Superando”</p> <p data-bbox="927 1032 1485 1064">Lado D – sem violência, título: “Recuperação”</p>
<p data-bbox="264 1160 1442 1223">Descrição geral das mudanças nos desenhos da autoimagem com e sem violência e lista de indicadores emocionais que permitissem a detecção de tais problemas</p> <p data-bbox="220 1317 1477 1525">A figura com violência é menos centralizada e com pior proporção na folha. Também é mais rebuscada (mais detalhes excessivos), com maior sombreamento e com mais traçados trêmulos. O desenho com violência ficou um pouco menos nítido e mais confuso, tem menos riqueza de detalhes nos olhos, nariz e, em especial, na boca, assim a figura também é menos expressiva. No desenho com violência, existe transparência na imagem e no outro não. A imagem com violência tem a idade muito inferior à da autora. Na imagem com violência não apresenta as mãos.</p>	

Margarida	 <p>Lado E - sem violência, sem título</p> <p>Lado D – com violência, sem título</p>
<p>Descrição geral das mudanças nos desenhos da autoimagem com e sem violência e lista de indicadores emocionais que permitissem a detecção de tais problemas</p> <p>Ambos os desenhos são representados de forma fragmentada. Mas as diferenças estão na expressão de tristeza, da imagem com violência, com lágrima no olho esquerdo e sem pupila e a imagem sem violência é representada por uma expressão de felicidade com um sorriso nos lábios.</p>	

Orquidea

Lado E - **com violência**, título: “Triste e desafortada”

Lado D – **sem violência**, título: “Aliviada”

Descrição geral das mudanças nos desenhos da autoimagem com e sem violência e lista de indicadores emocionais que permitissem a detecção de tais problemas

A figura com violência apresenta um corpo mais rígido e/ou tenso e inflexivo e também é mais rabiscada no rosto. O desenho com violência ficou um pouco menos nítido e com expressão de alívio, diferente da outra com expressão de tristeza. A imagem com violência tem a idade menos próxima à da autora. Na imagem com violência, os cabelos estão desalinhados e voltados para cima e não há presença de orelhas, diferente do outro desenho. Na verbalização sobre o desenho da violência, a autora enfatiza a passividade da figura, que estava simplesmente triste e chorando, ao contrário do desenho sem violência, no qual se separa do companheiro, vai trabalhar, divertir e se cuidar.

<p>Miosótis</p>	<div data-bbox="566 235 1316 772" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="411 828 829 862">Lado E - com violência, sem título</p> <p data-bbox="1061 891 1484 925">Lado D – sem violência, sem título</p>
<p data-bbox="263 1014 1444 1081">Descrição geral das mudanças nos desenhos da autoimagem com e sem violência e lista de indicadores emocionais que permitissem a detecção de tais problemas</p> <p data-bbox="220 1115 1449 1216">A figura com violência é representada por uma corrente e uma fechadura, já a outra imagem é representada por um pássaro. A corrente e a fechadura são apenas objetos, enquanto que o pássaro é um animal que tem vida.</p> <p data-bbox="220 1249 1476 1384">A figura com violência se apresenta mais pesada e voltada para baixo, é menos rica em detalhes e enfatiza a fechadura e o traçado é bem marcante e mais rígido. A autora verbalizou que a imagem da violência, a pessoa estava presa em casa, ao contrário da outra imagem sem violência em que estava na rua curtindo a liberdade.</p>	

<p>Crisântemo</p>	<div data-bbox="566 232 1316 775" data-label="Image"> </div> <p>Lado E - sem violência, título: “Acabada”</p> <p>Lado D – com violência, título: “Minha imagem”</p>
<p>Descrição geral das mudanças nos desenhos da autoimagem com e sem violência e lista de indicadores emocionais que permitissem a detecção de tais problemas</p> <p>A figura com violência não é única e o desenho não está central na folha e apresenta expressão facial de tristeza e olhos sem pupila, divergindo da imagem sem violência.</p> <p>No desenho da autoimagem com violência aparecem mais cinco figuras humanas do lado direito da folha em forma de palito e sem expressão fácil, isto é, sem olhos, boca e nariz. Sobre a imagem com violência, a autora relatou que estava me batendo e triste e na imagem sem violência a pessoa estava feliz.</p>	

Fonte: Dados da pesquisa

Três participantes desenharam a cena de violência do lado Esquerdo da folha, enquanto duas do lado Direito. Houve divergências simbólicas expressivas marcantes nos dois desenhos: o da cena com violência e o sem violência.

Discussão

Os dados apresentados revelaram que prevaleceu no estudo o público feminino adulto, alcoolista, com filhos e de baixa escolaridade, que não desempenhava atividades remuneradas, tinha a depressão como comorbidade prevalente, houve o relato de várias tentativas de suicídio e internações psiquiátricas prévias. Evidenciam ainda que todas as participantes haviam sofrido algum tipo de violência doméstica relacionadas aos aspectos físico, psicológico e/ou moral. Outro dado alarmante foi de que, mesmo em uso de ansiolíticos e de antidepressivos, parte das mulheres apresentou sinais de ansiedade e de depressão moderados ou severos nos Inventários de Beck.

Os dados da pesquisa revelaram uma faixa etária entre 40 a 59 anos, dados que corroboram com os encontrados na pesquisa que cita que a faixa etária da dependência de drogas em mulheres é mais avançada (SIGNOR; PIOVESAN, 2017). Em contrapartida, o estado civil encontrado foi variado, diferentemente dos outros estudos que alegaram que geralmente as mulheres não apresentam companheiros, mas quando tem companheiro a existência de violência doméstica é frequente (MASTROIANI et al, 2016). Quanto ao não desempenhar atividades remuneradas, assemelha-se aos encontrados na literatura que relatam que o abandono do trabalho é comum entre os usuários de álcool e drogas, pois a falta de concentração, as faltas frequentes e o descontrole psicológico causados pelas substâncias psicoativas acarretam esse distanciamento das funções trabalhistas (GONÇALVES; NUNES, 2014).

Estudo realizado ratifica os dados da pesquisa sobre a baixa escolaridade entre os dependentes de drogas e revela que a baixa escolaridade é causa e consequência do uso de substâncias psicoativas, pois a dificuldade de inserção social da dependência de drogas resulta na menor escolaridade (DANIELI et al, 2017).

Os achados dessa pesquisa vão ao encontro com a de Mastroiani et al. (2016) em que cita que o álcool de maneira isolada é a substância mais utilizada e que causa maiores problemas de dependência atualmente (RODRIGUES, 2016). A dependência de drogas associada ao histórico de internação psiquiátrica foi um achado desse estudo que se afirma com a literatura em que avaliou a associação entre o uso de álcool e a depressão e evidenciou que se aumenta em dobro o risco de desenvolver depressão no alcoolismo e vice-e-versa (DANIELI et al, 2017). Além disso, outro estudo observou maior risco de suicídio nos grupos com histórico de drogas psicoativas, e sugeriu a importância de avaliar este aspecto nas pessoas que apresentarem transtornos associados à dependência de drogas (LEAL et al, 2012).

No tocante à prevalência de violência doméstica contra a mulher, a pesquisa demonstrou maior prevalência da violência física e psicológica, respectivamente, e os agressores eram os parceiros íntimos e desconhecidos e predominaram vítimas de cor parda (SILVA; OLIVEIRA, 2016).

Mesmo com várias internações psiquiátricas prévias e em uso de antidepressivos e ansiolíticos parte das mulheres apresentaram sinais de depressão moderados ou severos e de ansiedade diversificados nos Inventários de Beck, o que pode denotar que os modelos tradicionais de cuidado em saúde mental não estão contemplando o sofrimento que as mulheres demandam ou necessitam.

Uma pesquisa que investigou a prevalência de sintomas depressivos de forma comparativa, antes e após o processo arteterapêutico com um dependente de drogas usuário de um CAPS-ad obteve uma redução de 15 pontos nos sinais de depressão (BDI) e de 12 pontos de ansiedade (BAI) ao se comparar os dois momentos, antes e após cinco intervenções de Arteterapia. Desta forma, houve alteração de depressão grave na avaliação antes do processo de Arteterapia para depressão leve após o processo e de ansiedade severa antes do processo para ansiedade moderada após o processo de Arteterapia (VALLADARES-TORRES, 2017).

Os achados revelados pela imagem corporal da cena com violência trazida por Verbena indicaram diferenças simbólicas significativas se comparados à cena sem violência e foram expostas por figura menos centralizada no papel, o que pode denotar um comportamento emocional e adaptativo instável e inseguro da participante.

Outro estudo desenvolvido com o grupo de mulheres dependentes de drogas de um CAPS-ad comprovou que todas as participantes da pesquisa estudo apresentavam sintomas positivos para ansiedade e depressão, pois o adoecimento crônico e grave da dependência de drogas gera, frequentemente, desordem física, emocional e social e desvitalização nas pessoas acometidas pela toxicomania que refletem nos desenhos da figura humana elaborado por elas (VALLADARES-TORRES, 2018b).

Os indícios de conflitos, dificuldades, ansiedade, medo e descontentamentos e menos ajustamento social foram refletidos pelo desenho da

violência, caracterizado pelo sombreamento, por imagem menos nítida e mais rígida. A quantidade de traçados trêmulos mais proeminentes no desenho da violência sugere insegurança, medo e esgotamento nervoso. A imagem da violência apresentou menos riqueza de detalhes nos olhos, nariz e, em especial, na boca, por conseguinte a figura também é menos expressiva. O aparecimento da boca na cena sem violência pode indicar o aparecimento de sensação de prazer, o assimilar de novas ideias, a comunicação, as trocas sociais e afetivas que a autora pode experimentar longe da cena com violência. A figura com calça transparente na imagem com violência sugere problemas sexuais e imaturidade da autora (RETONDO, 2000; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

Na cena da violência, a autora também refletiu imaturidade emocional, pela nomeação inferior de idade revelada pela figura humana da cena com violência. Vê-se que na imagem sem violência aparecem as mãos, o que sugere que a imagem sem violência estava sendo mais ativa e autônoma perante a vida e conseguiu, ainda, empurrar a bebida, diferentemente da imagem com violência, que transmite uma ideia de passividade e de ela estar assustada perante a vida. Outra questão que reforça essa ideia de passividade foi que a figura com violência estava bebendo e chorando, enquanto que a sem violência se apresenta realizando movimento de largar a bebida (RETONDO, 2000; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

As informações obtidas na cena com violência representada por Margarida mostraram diferenças simbólicas com a imagem sem violência, como demonstra o olho esquerdo que se apresentou sem pupila na cena com violência, o que reforça a ideia de inadaptação social, percepção vaga e não diferenciada do mundo, acentuada

relutância em aceitar ou compreender algo externo ou a realidade, a imaturidade, culpa e vergonha. Entretanto, o olho esquerdo pode estar associado ao passado e à passividade. A imagem do olho esquerdo chorando e sem pupila da imagem com violência remete à ideia de que a participante somente via a triste realidade e era passiva ou não compreendia a mesma. Contudo, no desenho sem violência em que ela traz a boca sorrindo poderia estar simbolizando a possibilidade de expressar verbalmente sua realidade. A boca é o órgão da palavra e da respiração, representa o poder do espírito e da força criadora e representa a aniquilação (RETONDO, 2000; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

Os dados da imagem do desenho projetivo contendo a cena com violência expressos por Orquídea evidenciaram uma figura com corpo mais rígido e/ou tenso e inflexivo e mais rabiscada (menos nítido) no rosto, o que deu indícios de conflitos, dificuldades, ansiedade, medo e descontentamento. A idade inferior da autora no desenho com violência pode refletir uma imaturidade sociocultural frente à violência sofrida. Os cabelos desalinhados e voltados para cima podem denotar infantilidade ou discordância entre as convenções sociais presentes durante a cena com violência. A falta de orelhas no desenho com violência pode representar a passividade da autora diante da violência sofrida (RETONDO, 2000; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

As informações obtidas na imagem com violência projetada por Miosótis sugeriram uma fase de involução pessoal, a difícil imposição externa que bloqueia a vida psíquica trazida pelas representações dos símbolos corrente e cadeado. Diferentemente da imagem de pássaro refletida no desenho sem violência, que significa a alma liberta, a comunicação e a leveza. Diferentemente das observações

remetidas pela cena com violência em que a figura é mais pesada, voltada para baixo, menos rica em detalhes e seu traçado é bem marcante e rígido. A pobreza de detalhes da cena com violência pode representar um desajustamento com o meio ambiente. Os indícios de conflitos, dificuldades, ansiedade, medo e descontentamentos presentes no desenho com violência indicados pelo sombreamento e da imagem ser rígida e que desaparece na cena sem violência. A pressão forte no desenho com violência pode simbolizar insegurança, agressividade e hostilização com o ambiente (RETONDO, 2000; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

No presente estudo, os achados da imagem da cena com violência revelados por Crisântemo retrataram diferenças simbólicas que foram apresentadas pela expressão de tristeza da figura humana, pelo desenho não estar centralizado na folha, aspectos que podem simbolizar comportamento emocional não adaptativo e insegurança da autora diante da violência sofrida. Os olhos sem pupila da cena com violência podem indicar a inadaptação social, a percepção vaga e não diferenciada do mundo, além da relutância em aceitar algo externo ou a realidade, e também ideia da própria imaturidade, culpa ou vergonha. Cinco figuras humanas do lado direito da folha em forma de palito e sem expressão facial, isto é, sem olhos, boca e nariz. As figuras - tipo palito - podem indicar uma grande dificuldade nas relações interpessoais ou expressão de hostilidade em relação a si mesma. Não obstante, as figuras com contorno do rosto, mas com ausência de olhos, boca e nariz podem representar a dificuldade da autora de interação com o meio, ausência de comunicação de pensamentos e de sentimentos, assim como o contato com a realidade. A figura menos centralizada e com pior proporção na folha expressou um comportamento

emocional e adaptativo de pior equilíbrio e segurança da participante (RETONDO, 2000; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017).

Três participantes desenharam a cena de violência do lado esquerdo da folha, o que representa o passado, enquanto duas do lado direito, que representa o futuro (RETONDO, 2000; CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). Pelo relato das autoras, as três que representaram a cena de violência do lado direito já não enfrentavam o impacto do problema (violência) na atualidade, seja pelo falecimento ou pela separação do parceiro ou pai, autor da violência, uma vez que os desenhos não seguem uma ordem cronológica real exata.

As cenas com violência foram marcadas por dificuldade de adaptação, fragilidade, passividade, imaturidade e sofrimento das autoras perante tal sofrimento, diferentemente das cenas sem violência, em que as autoras simbolizaram a leveza, a comunicação e a liberdade. Ao mesmo tempo em que as autoras representavam graficamente suas imagens, elas puderam expor e verbalizar momentos tão difíceis de suportar.

Na presente pesquisa, verificou-se, de forma menos formal, que a dor emocional agonizante pode ter vez e voz e, de teor mais ameno, pelo meio lúdico. Aspectos que, de certa forma, puderam contribuir para o equilíbrio emocional e para o enfrentamento da dependência de drogas dessa clientela. Algumas participantes continuaram assíduas e a contribuir com outras pesquisas na área e agradeceram a oportunidade de externar tais conteúdos.

Os desenhos projetivos da figura humana das participantes auxiliaram no diagnóstico e no processo avaliativo do processo arteterapêutico. Sobre esta

temática, ao pesquisarem um grupo de mulheres com câncer ginecológico concluíram que o *ser* enfermeiro é um profissional que trabalha com a escuta e um envolvimento ativo, e quando apoiado em desenhos, contribui ainda mais para facilitar o vínculo e a comunicação terapêutica com seus clientes em geral (HAMMER; HALL; MOGENSEN, 2013).

Outro estudo analisou as expressões de angústia e mudanças na autopercepção em 70 mulheres que tiveram câncer de mama, por meio da análise de seus desenhos de autoimagem, comparando o momento atual com o de antes do câncer. Os achados indicaram diferenças na autopercepção do pré ao pós-diagnóstico de câncer de mama por três índices de mudança nos desenhos: cabelo (curto, desgrenhado), corpo esboço (duplo, negrito) e olhos (pontos, oco, sombreado), que expressam desilusão e conexão para si, acompanhados por sinais de angústia, ansiedade e danos à autoestima e sensação de feminilidade. Sendo assim, os autores concluíram que o desenho projetivo da autoimagem em dois momentos distintos pode ser administrado como uma ferramenta auxiliar na estruturação de cuidados de suporte, a fim de amenizar um pouco o sofrimento dessas mulheres e como parte integrante de um programa de reabilitação (BAREL-SHOSHANI; KREITLER, 2017).

Complementando, um estudo avaliou 180 desenhos da autoimagem corporal realizados por pessoas em tratamento de distúrbios somatoformes e os autores concluíram que o desenho, como instrumento de trabalho em Enfermagem, pode auxiliar na reorganização psíquica diante de conflitos internos e traumas vivenciados (KALISVAART et al., 2018).

Ainda nesta concepção, outro estudo que utilizou métodos mistos avaliou desenhos projetivos de 43 mães expostas à violência doméstica e de 56 crianças que testemunharam a violência doméstica, o que facilitou a discussão terapêutica e avaliou o distúrbio emocional. A análise quantitativa dos desenhos confirmou que a interpretação qualitativa de desenhos é uma ferramenta útil com clientes expostos a traumas (BACKOS; SAMUELSON, 2017).

A Arteterapia pode ter um efeito curativo e catártico para mulheres vítimas de violência e, na retomada da vida, pelo exercício da ludicidade, da criatividade e da terapêutica. Por conseguinte, uma pesquisa apresentou exemplos de casos realizados com pessoas que sofreram violência e o autor postulou que, no contexto arteterapêutico, há espaço para aprofundar, expor, criar e voltar a encontrar os aspectos positivos reprimidos ou escondidos, interna e socialmente, que podem gerar maior vitalidade a esses participantes (BERMAN, 2017).

Estudo explorou a prática da Arteterapia aplicada às mulheres vítimas de abuso ou violência doméstica. As participantes criavam representações visuais, a partir de imagens de revistas, sobre as experiências de violência e abuso doméstico, e as combinavam com palavras faladas, posteriormente construía uma história contendo o passado, o presente e o futuro. Assim o processo de Arteterapia contribuiu para a elaboração da trajetória de vida dessas mulheres e para desabafar sua raiva, medo e culpa (BIRD, 2017).

Um estudo de caso avaliou a eficácia da interseção da arte, da música e da dança/movimento em um processo de Arteterapia criativa aplicado a uma mulher dependente de múltiplas drogas e usuária de um Centro de Atenção Psicossocial

álcool e outras drogas. O estudo mostrou que as atividades arteterapêuticas criativas davam apoio à participante, melhoraram o seu estado de ânimo, houve libertação catártica de temas emocionais, aumento da autopercepção e da autoestima, favorecendo o relaxamento, a vitalidade e a confiança em si mesma (VALLADARES-TORRES, 2018a).

Como os cuidados em saúde mental abrangem também a comunicação terapêutica saudável e uma prática acolhedora para facilitação de vínculo positivo, assim, nessa direção, a premência de se ampliar o foco do cuidado singular em saúde mental e instituir a arte na assistência psicossocial voltada para as mulheres dependentes de drogas vítimas de violência torna-se importante. Aspectos esses que, por analogia, extrapolam a dimensão física do cuidado em saúde.

São escassas na literatura pesquisas que relacionem a Arteterapia com suas técnicas expressivas, como o desenho projetivo da autoimagem, como cuidado junto a mulheres vítimas de violência. Dessa forma, este estudo colaborou para se conhecer e avaliar com mais profundidade o desenho da autoimagem corporal e as particularidades da situação vivenciada pelas mulheres vítimas de violência com destaque para as atendidas em CAPS-ad III.

Considerações Finais

Foram incluídas na pesquisa cinco mulheres com idade entre 36 a 64 anos, que apresentavam estados civis variados, tiveram filhos, não desempenhavam atividades remuneradas no período da pesquisa. Sobre os dados psiquiátricos, quatro

mulheres eram alcoolistas, quatro tinham depressão como comorbidade prevalente e relataram várias tentativas de suicídio. Sobre os tipos de violência sofrida, as prevalentes foram física, psicológica e moral, na fase adulta e pelo companheiro.

Os grupos de psicofármacos prevalentes que eram utilizados pelas mulheres no período da pesquisa eram os ansiolíticos (clonazepan, diazepam), os antipsicóticos (carbamazepina, haloperidol) e os antidepressivos (fluoxetina, amitriptilina). Entretanto, mesmo utilizando esses psicofármacos constatou-se que quatro mulheres apresentaram sinais de depressão e três de ansiedade moderados ou severos nos Inventários de Beck.

Diante dos dados apresentados no estudo concluiu-se, também, que houve divergências simbólicas expressivas marcantes nos dois desenhos: da cena com violência e sem violência. Os indícios de conflitos, dificuldades, passividade, agressividade e desajustamento, encontrados nos desenhos da autoimagem da violência, foram evidenciados por vários aspectos nos desenhos das cenas de violência e expuseram também o sofrimento externo e vívido pelas participantes durante a violência sofrida. Conseqüentemente, o desenho, além de ter facilitado às mulheres verbalizarem seus momentos com violência, trouxe a projeção interna do sofrimento vívido no papel.

Nessa perspectiva, os resultados desta pesquisa evidenciaram que o desenho projetivo da autoimagem pode ser uma ferramenta lúdica que facilita o despotencializar da emoção no papel e o acesso ao tema de violência junto a mulheres que apresentam abuso de substâncias psicoativas, a fim de que as mulheres pudessem compartilhar e dialogar saudavelmente suas experiências

traumáticas em prol da elaboração e da transformação da situação de violência. Ao trazer para o papel, em processos arteterapêuticos, as mulheres puderam compartilhar seu sofrimento com o profissional de saúde, o que propiciou discutir as possibilidades de enfrentamento da problemática. Pode-se supor, então, que essa dinâmica pode romper com o ciclo de dor, pois favorece a pessoa externar seus sentimentos e, a partir daí, refletir e criar novas formas de lidar com seu cotidiano para garantir um estado de bem-estar futuro.

Pela escassez de estudos que abordem o uso do desenho projetivo da autoimagem em Arteterapia no tratamento de mulheres toxicômanas vítimas de violência, os resultados desta pesquisa têm grande relevância para a prática clínica da Arteterapia em saúde mental, e torna-se uma plataforma para futuras pesquisas. Embora se deva considerar a complexidade do fenômeno da violência, aspecto esse que se configura como limitação da pesquisa, acredita-se que ela possa abrir espaço para que a Arteterapia tenha seu espaço na saúde mental e assim poder ser perpetuada no futuro. Nesse sentido, o seguimento dessa pesquisa pode abranger um número maior de participantes, a fim de se obter uma percepção mais ampla da violência sobre o público feminino no âmbito da dependência de drogas e favorecer a visibilidade do fenômeno. Por fim, propõe-se a continuidade desses cuidados no âmbito da saúde mental com mulheres vítimas de violência e outras atividades que subsidiem e sejam ancoradas em ações criativas e inovadoras no âmbito da saúde mental voltada para essa problemática, que é de difícil abordagem.

Data de aceite 1º parecerista: 08.09.2019

Data de aceite 2º parecerista: 18.09.2019

Referências

BACKOS, A.; SAMUELSON, K. **Projective drawings of mothers and children exposed to intimate partner violence: a mixed methods analysis**. *Art Therapy: Jour Amer Art Therapy Assoc.* v.34, n.1, p.1-10, 2017. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07421656.2017.1312150?journalCode=uart20>

BAREL-SHOSHANI, Z. A.; KREITLER, S. **Changes in self-perception following breast cancer as expressed in self-figure drawings: present-past**. *The Arts in Psychotherapy.* v.55, n.0, p.136-45, 2017. Available from: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0197455616300028>

BECK, A. T.; WARD, C.; MENDELSON, M. Beck **Depression Inventory (BDI)**. *Arch Gen Psychiatry.* v.4, n.0, p.561-71, 1961.

BERMAN, H. **Finding places and spaces for recognition: applied art therapy training and practice in the mitigation against unthinking acts of violence**. *ATOL: Art Therapy Online.* v.8, n.1, 26p, 2017. Available from: <http://journals.gold.ac.uk/index.php/atol/article/view/420>

BIRD, J. **Art therapy, arts-based research and transitional stories of domestic violence and abuse**. *International Journal of Art Therapy.* v.0, n.0, p.1-11, 2017.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

CORTES, L. F.; PADOIM, S. M. M.; KINALSKI, D. D. F. **Instruments for articulating the network of attention to women in situation of violence: collective construction**. *Rev Gaúcha Enferm.* v.37, n.spe, p.e2016-0056, 2016. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v37nspe/en_0102-6933-rgenf-1983-14472016esp2016-0056.pdf

DANIELI, R. V. et al. **Perfil sociodemográfico e comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos acompanhados em comunidades terapêuticas**. *J Bras Psiquiatr.* v.66, n.3, p.139-49, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v66n3/0047-2085-jbpsiq-66-3-0139.pdf>

FERRAZ, M. I. R.; LABRONICI, L. M. **Fragments off emale off emale corporeality in victimas of domestic violence: a phenomenological approach**. *Texto contexto-enferm.* [online]. v.24, n.3, p.842-9, 2015. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015003030014>

GONÇALVES, T. S.; NUNES, M. R. **Perfil dos usuários do Centro de Atenção Psicossocial álcool e Drogas – CAPS AD**. *Revista Perquirere.* v.11, n.2, p.169-78, 2014. Disponível em:

http://perquirere.unipam.edu.br/documents/23456/612187/Perfil+dos++usu%C3%A1rios+do+centro+de+aten%C3%A7%C3%A3o+psicossocial+%C3%A1lcool+e++drogas+_CAPS+AD.pdf

HAMMER, K.; HALL, E. O. C.; MOGENSEN, O. **Hope pictured in drawings by women newly diagnosed with gynecologic cancer.** *Cancer nursing*. v.36, n.4, p.E42-E50, 2013. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23051866>

KALISVAART, H. et al. **Body drawings as an assessment tool in somatoform disorder.** *The Arts in Psychotherapy*. v.59, n.0, p.46-53, 2018.

LEAL, E. et al. **Estudo de comorbidade: sofrimento psíquico e abuso de drogas em pessoas em centros de tratamento**, Macaé – Brasil. *Texto Contexto Enferm*. v.21, n.0, p.96-104, 2012. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21nspe/v21nspea13.pdf>

MASTROIANI, F. C. et al. **Perfi I Sociodemográfico de um CAPSad e sua funcionalidade: segundo os usuários.** *Rev Psicol. Saúde*. v.8, n.2, p.3-16, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v8n2/v8n2a01.pdf>

QUINTÃO, S.; DELGADO, A. R.; PRIETO, G. **Validity study of the Beck Anxiety Inventory** (Portuguese version) by the Rasch Rating Scale model. *Psicol. Reflex. Crit*. v.26, n.2, p.305-10, 2013. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n2/10.pdf>

RETONDO, M. F. N. G. **Manual prático de avaliação do HTP (casa-árvore-pessoa) e família.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

RODRIGUES, J. **Arts-based and creative approaches to dementia care.** *Nurs Older People*. v.28, n.1, p.20-3, 2016. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26938607>

SIGNOR, A. M. T.; PIOVESAN, S. M. S. **Perfil dos usuários do CAPS II do município de Ijuí/RS** [monografia]. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; 2017. [Internet]. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/4351/%C3%82ngela%20Maria%20Turra%20Signor.pdf?sequence=1>

SILVA, L. E. L.; OLIVEIRA, M. L. C. **Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal**, 2009 a 2012. *Epidemiol Serv Saúde*. v.25, n2, p.331-42, 2016. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ress/v25n2/2237-9622-ress-25-02-00331.pdf>

VALLADARES-TORRES, A. C. A. **A contribuição da Arteterapia na remissão de sintomas depressivos e ansiosos nas toxicomanias.** *Rev Científica Arteterapia*

Cores da Vida. v.24, n.2, p.36-35, Jul./Dez. 2017. Disponível em:
<http://www.abcaarteterapia.com>

_____. **Arteterapia na hospitalização pediátrica: análise das produções à luz da psicologia analítica.** Curitiba: CRV, 2015.

_____. **Arteterapia no contexto hospitalar pediátrico: um estudo de caso.** In: FRANCISQUETTI, A. A. (Org.). Arte-Reabilitação: um caminho inovador na área da Arteterapia. Rio de Janeiro: WAK, 2016. p.267-286.

_____. **Arteterapias criativas com mulher dependente de múltiplas drogas – um estudo de caso.** Rev Científica Arteterapia Cores da Vida. v.25, n.1, p.25-35, Jan./Jun. 2018a. Disponível em: <http://www.abcaarteterapia.com>

_____. **Mulheres dependentes de drogas - desenho projetivo da figura humana e sua relação com os sintomas de ansiedade e depressão.** Rev Científica Arteterapia Cores da Vida. v.25, n.1, p.36-46, Jan./Jun. 2018b. Disponível em: <http://www.abcaarteterapia.com>

WHO - World Health Organization [Internet]. **Violence prevention aliançe global campaign for violence prevention: plano f action for 2012-2020; 2014. [cited 2019 Feb 20].** Available from:
http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/global_campaign/gcvp_plan_of_action.pdf

Artigo Original

O FLORESCER DA CRIATIVIDADE HUMANA: ARTETERAPIA COM IDOSOS

The Blossom of Human Creativity: Art Therapy with the Elderly

Renata Freitas de Almeida⁶

Tânia Cristina Freire⁷

Resumo

O artigo relata a experiência realizada em uma instituição de longa permanência para idosos, sem fins lucrativos, registrada na Secretaria de Estado da Promoção Social e na Prefeitura do Município de São Paulo. Foram convidados cinco moradores da instituição entre 69 anos e 83 anos para participarem das oficinas arteterapêuticas no período de 2 meses, visando promover o florescer da criatividade humana, e concomitantemente, elevar a saúde biopsicoemocional-espiritual e a inclusão social pelo viés da Arte.

Palavras-chave: Idosos. Idosos Asilados. Arteterapia. Criatividade Humana.

Abstract

⁶ Arteterapeuta, Nutricionista, Terapeuta Holística, Especialista em Fitoaromatologia, Terapia Floral e Reiki.
Email: renatafreitas22@gmail.com

⁷ Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento, Arte Educadora e Arteterapeuta, Especialista em Neuropsicologia
Tel. (11) 9.89629686, tania-freire@uol.com.br

The article describes the experiment performed in a non-profit long term housing institution for the elderly, registered at the Social Promotion State Office and the Municipal Town Hall of São Paulo. Five elders from the institution were invited from the ages of 69 to 83 in order to participate in the Art Therapy workshops for two months. Aiming towards the blossoming of human creativity, and concomitantly elevate biopschoemotional-spiritual health and social inclusion by the way of Art.

Keywords: Elderly. Aged. Retirement Residence. Art therapy. Creativity.

Introdução

No referido trabalho buscou-se enxergar a condição do idoso brasileiro asilado, afastado do seu núcleo familiar e vivenciando os conflitos interiores decorrentes da derradeira etapa da vida. Segundo Mercadante (apud CORTE, MERCADANTE, ARCURI, 2005), ao iniciar-se uma reflexão sobre o termo “velhice”, revela-se uma complexidade de fatores biológicos, psíquicos, sociais, políticos e culturais, até que se conheça com exatidão, o indivíduo ao qual nos referimos. Fabietti (2015) descreve que o envelhecimento aumenta os desconfortos e desajustes; muitos deles sentem-se fragilizados em lidar com a finitude cronológica, as limitações impostas pelo corpo, as perdas afetivas, a invalidez, a aposentadoria e os preconceitos; todos elementos, no mínimo, desafiadores.

No artigo de Souza (2016), a autora retrata que idosos institucionalizados são privados de parte considerável de sua autonomia e dos laços afetivos construídos ao longo da vida. Convivem com desconhecidos e estão sob as normas da instituição que os abriga. Não bastasse todas as questões físicas e existenciais desta etapa, o

autoconceito e a busca por novos objetivos ficam negligenciados, gerando sentimentos negativos e poucas possibilidades de expressão.

Com base nestes aportes teóricos e olhar filosófico sobre o valor de uma vida criativa e produtiva ao homem, foi idealizado um programa que germinasse e favorecesse o florescer da criatividade humana, com a possibilidade prática de utilizar a “arte como terapia”, focando em um grupo de idosos institucionalizados.

A Arteterapia é uma das filhas amorosas da Arte, e conforme demonstra Fabietti (2015), constitui-se em um caminho para o potencial criativo emergir e também em uma via de acesso no processo de compreensão e elaboração de conteúdos emocionais. A Arteterapia, segundo inúmeras pesquisas, comprova sua eficácia na reconstrução da identidade pessoal; na elevação da autoestima, na sublimação dos desequilíbrios psicoemocionais, nas redescobertas do cotidiano, na lapidação de virtudes e no aflorar da sensibilidade humana.

Segundo Souza (2005), o homem sempre foi curioso, fascinado pelo ato de gerar o inédito, como marca pessoal. A possibilidade de criar como necessidade e forma de comunicação com certos cuidados estéticos, registra a história do ser humano desde a era pré-histórica, e o leva a um novo patamar existencial. A esfera meramente instintiva, ligada à sobrevivência da espécie, dá espaço a um nível sensível, cultural e social; surge daí uma comunicação não verbal que coloca o homem como um emissor e receptor de imagens.

A mobilização da criatividade humana é salutar e indispensável em todas as etapas da vida e merece atenção na terceira idade. Segundo Pomeranz (2017) os idosos institucionalizados ao serem envolvidos em um processo arteterapêutico

costumam gerar meios de interpretação do de si mesmo e do mundo, por reconectarem-se com o tempo com seus registros pessoais e com o momento presente, gerando subsídios psicoemocionais para lidar melhor com o cenário atual de suas existências e criar novas possibilidades. De acordo com Souza (2005), ao acionar o espírito criativo, os idosos mergulham nas suas arcas de tesouros interiores e se transformam.

Os processos criativos realizados buscaram lapidar as singularidades dos participantes e permitir que as expressões artísticas fossem realizadas com liberdade e respeito às diferenças, a fim de garimpar a riqueza própria dos seus mundos interiores. Trilhamos juntos uma estrada em busca de alegria, beleza, amor e sabedoria. Realizamos também algumas paradas

importantes, a fim de realizar os arremates devidos nas cicatrizes do passado.

Objetivo

Apresentar o processo vivido por idosos institucionalizados com oficinas arteterapêuticas, focadas no florescer da criatividade humana e baseadas nos 4 elementos da natureza.

Método

O percurso arteterapêutico foi realizado com base empírica em uma pesquisa ação, onde os dados foram analisados e interpretados a partir dos discursos dos participantes e da verificação de alguns símbolos arquetípicos observados nas criações artísticas. Os intuits primais eram mobilizar novos saberes e fertilizar potencialidades humanas com os princípios da Arte.

Uma singela homenagem com a Arteterapia, ao meu amado Brasil, também permeou toda a pesquisa para a elaboração das atividades, apresentando alguns de seus ilustres filhos criativos, entre eles, escritores, poetas, intérpretes e músicos, que nos brindam com seus ricos estilos de brasilidade, valorizando a sensibilidade, a cordialidade, a simpatia e a alegria como marcas legítimas do povo brasileiro, dignas de reconhecimentos e enaltecimentos também na terceira idade.

Fundamentação Teórica:

Provavelmente, as primeiras indagações do homem sobre sua origem, vida e finitude estiveram relacionadas à natureza. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2009), a teoria chinesa do 5 elementos (água, fogo, madeira, metal e terra) dataria do segundo milênio antes da nossa era e permanece como um dos tratados mais antigo da filosofia chinesa. Os filósofos gregos Pitágoras, Platão e Aristóteles, também defendiam a relação do homem com a natureza. Transmitiram ao mundo ocidental a visão de uma ordem quaternária da natureza (terra, ar, água e fogo), ligada aos temperamentos humanos (sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico) e às etapas da vida humana (infância, adolescência, adulto e velhice) onde diversos

fenômenos durante a vida estariam atrelados às essências das forças primordiais dos quatro elementos da natureza.

Observa-se uma grande força apolínea na coragem de Jung, quando ele assumiu a possibilidade do inconsciente ser ainda maior do que se aceitava naquela época. Ele precisou percorrer territórios inóspitos, com o olhar sempre científico, empírico e erudito, por regiões antes definidas pelo meio acadêmico como primitivas, esotéricas e místicas. Ele ousou trazer luz sobre uma linguagem universal e decifrável presente no inconsciente coletivo e nos arquétipos; defendeu o poder da Arte como elemento reequilibrador da mente e estudou o conceito do ser global ou ser holístico, assim como o filósofo Aristóteles em 347 A.C.

Para este trabalho foi gerada uma relação análoga dos 4 elementos da Natureza (terra, ar, água e fogo) e as 4 funções da psíquicas (sensação, pensamento, sentimento e intuição). Segundo Jung, para nos orientarmos pelo mundo primeiro necessitamos de uma função psicológica que constate que algo é (sensação) relaciono no trabalho esta função ao elemento terra; uma segunda função psicológica, que estabeleça o que é (pensamento) relaciono esta função no trabalho ao elemento ar; uma terceira função psicológica, que decida se isto nos convém ou não, e se desejamos aceita-lo ou não (sentimento) relaciono esta função no trabalho ao elemento água; e uma quarta função psicológica que indique de onde isso vem e para onde vai (intuição) relaciono esta função no trabalho ao elemento fogo. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009).

O ser holístico ou global surge da fusão destas partes (corpo, mente, emoções e alma) em equilíbrio. Assim, cada parte representa o ser na globalidade

através do seu quatérnio humano. Jung (1997), define o quarténio como um arquétipo que evoca a totalidade sobre um aspecto quadruplo. Por mais que o ideal de totalidade seja o círculo, sua divisão mínima compreensível e acessível é o quadrado.

O processo de individuação é indicado por Jung como um caminho para o aperfeiçoamento pessoal, onde o ser humano torne-se uma unidade autônoma, indivisível, uma totalidade. (CARVALHO 1986). E para efetuar esta jornada, é necessário, cuidar da saúde global e alçar voos de aprimoramento pessoal, durante todas as etapas de vida, e, principalmente na última fase dela, considerada por ele como a etapa mais importante, o estágio do espírito.

Resultados e Discussão

Os participantes foram escolhidos por integrantes da diretoria desta instituição mediante suas maiores afinidades com atividades artísticas. Estão representados com codinome de flores de cores específicas. Cada flor aqui representou sua personalidade, autenticidade, trajetória de vida, derrotas e vitórias. Receberam estímulos criativos e liberdade de expressão como água e adubo em terras áridas. São eles:



Violeta Violeta (Mulher 69 anos). Extrovertida, dócil, prolixa e de temperamento forte. Passa por alguns momentos de lucidez e outros de apatia, segundo relatos dos profissionais da instituição. É viúva e teve três filhos.



Dália Laranja (Mulher 78 anos). Introversa, calma, sorridente e religiosa. Diagnosticada com a doença de Alzheimer, segundo a equipe de enfermagem. Não guardava nenhuma lembrança do passado, exceto seu nome. Transmitem vigor e disposição.



Sakura Rosa (Homem 68 anos). Introverso, educado e sensível. Falava muito baixo e de expressão tristonha e letárgica. Nasceu em Hiroshima, no Japão, e veio para o Brasil com a família aos 12 anos de idade. Possui uma excelente memória. Encontra-se em um processo avançado de metástase (diagnóstico de câncer de próstata) e locomove-se em cadeira de rodas.



Lírio Selvagem Azul (Homem 68 anos). Extroverso, agitado. Na juventude e vida adulta tornou-se um grande boêmio. Escrevia poesias e letras de samba. Fez uso de vários tipos de drogas, fato do qual se arrepende. Hoje, sem conseguir mais escrever, justifica sua falta de criatividade por haver parado com as referidas drogas.



Girassol Amarelo (Mulher 83 anos). Introversa, educada, dócil, alegre, gentil e religiosa. Foi adotada recém-nascida e desconhece as suas origens. Tem uma memória saudável. Trabalhou desde os 6 anos de idade. Ao se aposentar,

seu patrão conseguiu uma vaga nesta instituição. Desde então, vivencia a melhor fase da sua trajetória.

O Processo Arteterapêutico

1º Encontro - Despertar da Criança Interior

“Triste de quem não conserva nenhum vestígio da infância”.
Mário Quintana.

A primeira oficina teve como proposta a apresentação do grupo pelo viés das suas infâncias. Este encontro visou fortalecer os vínculos afetivos entre eles e a arteterapeuta.

Segundo Souza (2005), por mais que a criatividade esteja ligada ao inédito, a memória é fundamental para que se conceba uma solução eficiente, pois é preciso conhecer-se o assunto em questão. O idoso traz em si todas as impressões que recebeu durante a jornada. Sua memória, quando saudável, pode constituir-se em um imenso depósito de valor inestimável.

Como sensibilização, foram disponibilizados para manuseio diversos brinquedos que remetiam à infância dos participantes, tais como: pião, carrinho, peteca, caminhão, corda, boneca, fogão, entre outros, a fim de que suas memórias fossem acionadas. A seguir ouviram atentamente a declamação da poesia “Saúde da Infância” de Botelho Campos. Iniciou-se, então, a atividade arteterapêutica do dia: confecção de bonecos. Bernardo (2013d) afirma que trabalhos desta natureza ajudam

no desenvolvimento do amor-próprio e possibilitam a conexão com a criança interior. A oficina foi finalizada com a apresentação e nomeação dos respectivos bonecos.

Durante a sensibilização eles regressaram ao passado. Divertiram-se, com exceção de Dália Laranja. A atividade do dia transcorreu de forma satisfatória. Ressalto as experiências de Sakura Rosa e Girassol Amarelo.



Figura 1 "PALHAÇO" Sakura Rosa



Figura 2 "PRINCESA" Girassol Amarelo

Sakura Rosa contou alguns fatos marcantes da sua infância, como sua chegada com a família, aos 12 anos, do Japão. Tinha lembranças vívidas dos pais, dos irmãos, da escola... Seu semblante, antes tristonho, iluminou-se. Na atividade arteterapêutica de início mostrou-se inseguro, mas depois seguiu sem dificuldades. Batizou o boneco de “Palhaço” (figura 1) e comentou: “O Palhaço gosta muito de dar risada e brincar. Senti os momentos felizes daquela época dentro de mim de novo”. A atividade aflorou as boas lembranças de Sakura Rosa. Conforme Fabietti (2015), valorizar a capacidade de lembrar e recordar alguns fatos do passado estabelece uma relação com tempo vivido, ressaltando as impressões de prazer e dor que contribuem para a construção do indivíduo. Mercadante (1987 apud FABIETTI, 2015) cita que a memória, no caso do idoso, permite-lhe tornar-se o “historiador de si mesmo” onde o auxilia para as elaborações do presente e do futuro, transformando-o em dono do seu próprio destino.

Girassol Amarelo, na sensibilização, escolheu uma boneca para narrar sua trajetória. Foi adotada recém-nascida, e desde os 6 anos já trabalhava. Nunca teve o tempo de brincar. Morava em um sítio isolado e não conviveu com outras crianças. Os únicos brinquedos que possuiu foram bonecas de sabugo de milho. Durante a atividade arteterapêutica foi ágil e segura nas escolhas. Ao finalizar, relatou emocionada: “Esta é a minha primeira boneca que não foi de sabugo de milho. Demorou, mas agora eu tenho uma boneca de verdade. Quando criança, eu sonhava com esse dia.” Deu o nome à boneca de Princesa. (figura 2). A vivência de Girassol Amarelo confirma a afirmação de Souza (2005): a criatividade, mesmo quando não estimulada na infância, continua presente no ser humano e pode revelar-se primorosamente.

2º Encontro - Florescer “Terra – Sensação” Evocando a Grande- Mãe

“Cada coisa tem a sua hora e cada hora tem o seu cuidado”.
Rachel de Queiróz.

Na segunda oficina foi acionado o potencial criativo do elemento Terra, em analogia à função psicológica Sensação, que atua como filtros da realidade espacial e delimita o momento presente. O objetivo central foi observar a aparição de conteúdos que representassem forças criativas femininas e o arquétipo da Grande-Mãe. Segundo Grinberg (2003), esta alegoria apresenta as qualidades de amor, carinho, proteção, nutrição e aceitação. Está ligada à sustentação, ao crescimento e à fertilidade.

Para a sensibilização foi utilizada a automassagem com música e com Aromaterapia (O.E. eucalipto). A atividade do dia foi a modelagem em argila. No fechamento, todos apresentaram suas obras.

O grupo demonstrou dificuldades para realizar o auto-toque. Contudo, comentaram que gostaram da experiência e do aroma no ar; segundo eles, lembrou o cheiro do campo e o orvalho da manhã. Destaco as atividades de Girassol Amarelo e Dália Laranja.



Figura 3 "VASO FLORIDO" Girassol Amarelo



Figura 4 "CACHORRINHO" Dália Laranja

Girassol Amarelo demonstrou escassa intimidade em se tocar durante a sensibilização. Na atividade arteterapêutica, esculpiu um vaso e o denominou Vaso Florido (figura 3). Comentou: “A terra é nossa mãe. Ela dá o alimento para todos nós. Um dia voltaremos para dentro dela... Dizem que o homem nasceu do barro; será lenda? Eu não fui mãe e nem conheci minha mãe verdadeira, mas eu sei que é assim!! Mãe deve guardar e cuidar dos filhos, como o vaso guarda a água e as flores”. Segundo Bernardo (2013d) o vaso é a representação mais primitiva do Feminino primordial e está associado ao útero em seu atributo criativo. Foi confeccionado demasiadamente em diversas culturas ancestrais como ícone do Feminino sagrado;

reservatório da vida, armazenador de tesouros, onde o crescimento se processa. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1993, p. 932 apud. BERNARDO 2010).

Dália Laranja vivenciou a experiência completamente absorvida no manuseio com a argila. Não elaborava nada, apenas apertava freneticamente o barro. Ao final da atividade estava revigorada. O grupo nomeou seu trabalho como Cachorrinho (figura 4). A experiência sensorial de Dália Laranja encontra fundamentação em comprovações sobre a eficácia terapêutica com o barro. Segundo Chiesa (2014), o trabalho com argila desperta a sensibilidade sensorial, alivia as tensões e satisfaz aos mais profundos e primitivos instintos humanos da natureza criativa. Gouvêa (1989 apud CHIESA, 2014) afirma que o homem se reconhece perante o mundo do barro e a inércia psíquica é mobilizada deste encontro.

3º Encontro - Florescer “Ar – Pensamento” Convocando o Grande Pai

*“Aprendi, embora tantas vezes esqueça,
que a ordem natural das coisas é a fluência, o movimento.
O fechamento de um ciclo e a inauguração de outro”.*
Ana Jácomo

A terceira oficina aborda o potencial criativo do elemento Ar em analogia à função psicológica Pensamento. O objetivo central foi convocar a força criativa do masculino com o arquétipo da Paternagem, responsável pelo desenvolvimento cognitivo da autoridade, ordem, assimilação dos limites e progressos pessoais.

Para a sensibilização e parte do processo criativo utilizou-se a canção e a letra da música “A Majestade o Sabiá”, com autoria de Roberta Miranda e interpretada por Jair Rodrigues e Chitãozinho e Xororó. A atividade arteterapêutica concebeu a

confeção de um Quadro com Colagens de Palavras. No fechamento, as peças foram apresentadas. Evidencio as experiências de Violeta Violeta e Dália Laranja.



Figura 5 "DENTRO DE MIM" Violeta Violeta



Figura 6 "A MAJESTADE O SABIÁ" Dália Laranja

Violeta Violeta, durante a sensibilização, permaneceu silenciosa. Comentou que a música a emocionava, pois a remetia à casa dos seus pais quando criança. Após esta fase criou seu quadro vagarosamente. Nomeou sua peça com o título “Dentro de Mim” (figura 5). Confessou: “Tenho muitos pensamentos dentro de mim e são tantos, que até dificultam na hora de fazer escolhas; eu sempre fui assim... Amei a arara!!! Gostaria de voar como elas... Violeta Violeta representa o cenário real de envelhecimento de alguns idosos que desejariam ainda estar em seus lares com os entes queridos. Como descreve Fabietti (2015) ao abordar a perda de representividade do idoso na família e na sociedade, alguns idosos demonstram certa frustração e tristeza com o destino traçado.

Dália Laranja, ao escutar a música na sensibilização ficou eufórica. Cantou a canção inteira. Surgiu um primeiro registro da sua história pessoal; lembrou-se da vida na roça com sua família e que, quando jovem, gostava muito de cantar e dançar nas festas!! Durante a atividade arteterapêutica recebeu suporte integral para a confecção do quadro. No fechamento, pela primeira vez, nomeou sua obra: “A Majestade, o Sabiá”. (figura 6).

Estudos demonstram que as partes do cérebro que estão envolvidas em lembrar músicas e responder a elas, não são tão afetadas na doença de Alzheimer.

Silva, Miotto e Moreira (2014) citam:

Vastone & Cuddy (2010) investigaram a memória musical em pacientes com DA e concluíram que a habilidade destes indivíduos para recordarem canções familiares estava preservada, dados que foram observados por testes musicais.

Defendo o valor terapêutico da música para pacientes com quadros de doença de Alzheimer. Segundo pesquisas constatou-se que a música beneficia a memória autobiográfica, a atenção e a linguagem, além de diminuir a ansiedade. (SILVA, MIOTTO, MOREIRA, 2014).

4º Encontro - Florescer “Água- Sentimento” Desabrochar da Autoestima

*“Hoje, depois de muito tempo, eu acordei e não me olhei no espelho.
Eu não precisei confirmar se eu era bonita.
Eu acordei tendo a certeza”.*
Tati Bernardi

No quarto encontro foi abordado o potencial criativo do elemento Água (Princípio Feminino), em analogia à função psicológica Sentimento. O objetivo da oficina foi o fortalecimento da autoestima e do amor-próprio.

Para a sensibilização, foi proposto um ritual de limpeza emocional com água. Bernardo (2013d) argumenta que o elemento água favorece o desenvolvimento do amor próprio, da autoconfiança e da confiança nos fluxos naturais da vida. Em um recipiente decorado foram acrescentados água morna, pétalas de rosas, glitter colorido e óleo essencial de lavanda com propriedades relaxantes e harmonizadoras. Os participantes lavaram suas mãos como uma forma de purificação interior dos

sentimentos conflitantes. Em seguida, ouviram a canção “Agradecer e Abençoar”, de autoria e interpretação de Maria Bethânia. Neste momento, sugeriu-se que fechassem os olhos e valorizassem todas as benesses recebidas em suas trajetórias. A atividade expressiva foi a confecção de Moldura em Espelho, que segundo Bernardo (2013d), é indicado para trabalhar a autoimagem e o amor-próprio. No fechamento as obras foram apresentadas. Destaco as experiências de Lírio Selvagem Azul e Girassol Amarelo.



Figura 7 "SOU BEM MELHOR HOJE" Lírio Selvagem



Figura 8 "RAINHA" Girassol Amarelo

Lírio Selvagem Azul, nesta experiência, pareceu mais sincero nos seus relatos. Confessou: “Perdi muito tempo com coisas erradas. Tenho satisfação em ser hoje uma pessoa bem melhor do que já fui no passado.” (figura 7). Como advoga Mercadante (1987 apud FABIETTI, 2015), o idoso, no setting terapêutico, pode evidenciar com liberdade sua identidade pessoal e se perceber através de suas conquistas, derrotas e aprendizados adquiridos.

Girassol Amarelo, durante a sensibilização, atuou com respeito cerimonial. Ao final, revelou: “Foi maravilhoso!! Agora, com a moldura, eu me olho e me vejo uma rainha, uma mulher forte que venceu muitas dificuldades. E hoje, amo a beleza. Sou uma artista !!! (figura 8). Girassol Amarelo mostrou-se uma pessoa sábia desde o início do percurso. Conforme Ciornai (2004, p. 82) defende: “ao criar beleza, harmonia

e delicadeza, a pessoa entra em contato com estas qualidades em si”, favorecendo uma conexão agradável entre os mundos interior e exterior.

5º Encontro - Florescer “Fogo – Intuição” O Aflorar da Fé

“A confiança é ato de fé, e dispensa raciocínio”.
Carlos Drummond de Andrade

No quinto encontro foi abordado o potencial criativo do elemento Fogo em analogia à função psicológica Intuição. Os objetivos traçados visaram aflorar a conexão com o sagrado e a percepção da espiritualidade individual.

Na sensibilização, foi conduzida uma jornada interior a um lugar onde sentissem a presença de Deus. Após alguns minutos neste estado meditativo introduziu-se, suavemente, a música “Tocando em Frente”, de autoria de Renato Teixeira e Almir Sater. No final, cada participante se referiu a Deus de maneiras distintas. A atividade escolhida foi a confecção do Olho de Deus, que segundo Bernardo (2013d), era elaborada por povos primitivos como amuleto de proteção do lar ou para crianças recém-nascidas. Os fios coloridos representam os pedidos feitos a Deus. No fechamento apresentam suas peças. Ressalto as vivências de Sakura Rosa e Lírio Selvagem Azul.



Figura 9 "SEM NOME" Sakura Rosa



Figura 10 "ESPERANÇOSO" Lírio Selvagem Azul

Sakura Rosa, que se ausentou em duas oficinas seguidas, resolveu regressar ao setting terapêutico; entretanto, para surpresa geral, e por iniciativa própria, chegou “caminhando” com minha ajuda (o participante apenas se locomovia com a cadeira de rodas). Segundo Branden (2000, p.29): “Viver conscientemente significa assumir a responsabilidade pela percepção adequada à ação na qual estamos engajados.” No fechamento comentou: “Acredito que Deus está em tudo.” Não quis nomear sua peça. (figura 9).

Lírio Selvagem Azul relatou: “Estou saindo leve, hoje fui levado pelas mãos de Deus. Um dia espero estar lá com Ele.” (figura 10).

Existe uma estreita relação entre o envelhecimento e a religiosidade sendo, esta última, a principal motivação existencial da derradeira etapa da vida. Neste período, muitos idosos aceitam o próprio curso da vida e sua finitude. Forma-se uma relação amigável entre estas duas partes, com a grande pergunta enigmática: o que vem depois? (NERI, 1993).

6º Encontro - Florescer dos “4 Elementos- Integralidade”- O Ser Holístico

*“...E, este lindo céu azul de anil, emoldura em aquarela o meu Brasil”...
Martinho da Vila*

Na sexta oficina foi apresentado o modelo de saúde holística que defende o reequilíbrio dinâmico do sistema interdependente, capaz de reintegrar a percepção e a vivência do Todo no indivíduo. Segundo Dourley (1987), Jung contribuiu para o homem vir a conhecer um caminho para sua plenitude (individuação), desenvolvendo uma progressiva unificação dos componentes do indivíduo com a sua experiência de contato com Deus.

Na sensibilização promoveu-se uma roda de conversa com o tema “Nossas Raízes Ancestrais”. Cada participante expos sua árvore genealógica. Em seguida, apresentou-se o samba “Aquarela Brasileira”, de autoria de Silas de Oliveira e interpretada por Martinho da Vila. A atividade arteterapêutica aplicada foi a Confecção de Caixa. Na face interna da mesma, orientou-se que incorporassem seus mundos interiores. Na face externa, sugeriu-se que exprimissem o Brasil e suas origens ancestrais. Segundo Bernardo (2013d), vivências de construção com caixas acionam o contato com o mundo interno. Já a vivência com a bandeira do Brasil, evoca o respeito à diversidade e amplia o senso de cidadania dos participantes. No fechamento apresentaram suas peças. Evidencio as experiências de Violeta Violeta e Lírio Selvagem Azul.



Figura 11 Violeta Violeta

Violeta Violeta comunicou que sua família era de origem italiana. Nasceu em São Paulo, capital, onde sempre residiu. Relatou sobre a parte interna: “Coloquei estas duas mulheres; bonitas e bem arrumadas. Uma delas sou eu e a outra é você (referindo-se à arteterapeuta), que me ajudou a ver que minha parte bonita continua viva. Vou lembrar sempre dos momentos que vivemos aqui...” Sobre as faces externas: “Gostei muito de fazer as cores da bandeira do Brasil, que representam nossa riqueza e alegria”. (figura 11).



Figura 12 Lírio Selvagem Azul

Lírio Selvagem Azul, durante a sensibilização, apresentou seus pais cariocas; a mãe nasceu em Búzios e o pai, em Angra do Reis. Seus avós eram da região dos Lagos. Veio com a família, recém-nascido, para São Paulo. Relatou: (face interna) - “Coloquei na caixa um músico cantando canções brasileiras. Tem um carioca aqui dentro de mim que ama o mar e o sol. Coloquei um cachorro que

representa os Duques (os três cães que possuiu). Gostei muito de achar as figuras que tem a ver comigo”. (face externa) “Escolhi a caixa azul, pois o céu do nosso Brasil é lindo, e gostei de colocar as flores; meu avô era floricultor”. (figura 12).

A oficina deu vazão às completudes e complexidades contidas em cada unidade. Dourley (1987) advoga que viver torna-se uma progressiva unificação do ser que está além da vida individual e fragmentada e, por isto, interdependente e holística.

7º Encontro - Florescer dos “Sonhos” – Os Novos Desafios

“É dos sonhos que nasce a inteligência”.

Rubem Alves

Quando a criatividade humana floresce, o indivíduo torna-se capaz de vivenciar novos patamares existenciais. Enquanto há vida, a força criativa permanece. E juntas, alimentam os sonhos.

Nesta oficina o grupo foi estimulado a conceber novos sonhos pessoais. O trabalho foi iniciado com uma conversa sobre criatividade. O grupo lamentou a diminuição das suas capacidades criativas. Foram apresentados dados científicos e citadas personalidades que permaneceram produtivas na velhice. Os participantes mostraram-se felizes com as perspectivas.

Na sensibilização, as memórias de curto prazo foram estimuladas ao acionar as lembranças do percurso arteterapêutico em questão. As risadas e as lorotas vieram à tona. A atividade expressiva do dia foi a Mandala Coletiva, com o tema: “Meus sonhos, nossos sonhos, juntos somos mais fortes”. Segundo a autora, “no processo de confecção de uma mandala, cria-se um círculo que atua na nossa

psique como a configuração de um espaço integrador.” (BERNARDO 2013d, p.20).

Ressalto os relatos de Sakura Rosa e Lírio Selvagem Azul.



Figura 13 "MANDALA COLETIVA"

Sakura Rosa relatou uma história fictícia, (mediante o seu quadro de metástase avançada), que justificou o sonho de obter uma boa passagem: “O menino segue a ponte e entra na flor. Regressa e se purifica; mas no meio da ponte, ele para e sobe a escada de búzios. Agora o menino vai para o céu”.

Lírio Selvagem Azul: “Gostei de ver a mandala completa. O meu sonho é ainda conseguir escrever um livro; este agora, com coisas de moral”.

Cada indivíduo nutre sonhos únicos e, para despertá-los, é necessário um mergulho no autoconhecimento e na ânsia de viver o momento presente. Segundo Fabietti (2015), a Arte pode ser benéfica nestes propósitos e ainda uma ferramenta terapêutica para a criatividade emergir, além de manifestar-se esplendorosamente.

8º Encontro - A Colheita – “Vernissage: Florescer da Criatividade”.

“A vida só é possível reinventada”.

Cecília Meireles

No último encontro foi organizado o Vernissage: Florescer da Criatividade para o grupo apresentar suas criações à instituição. Este foi o clímax do percurso no quesito reconhecimento e engajamento social. O evento foi organizado em surpresa a todos, fato que os deixou muito emocionados...



Figura 14 "EXPOSIÇÃO DAS OBRAS"



Figura 15 "VERNISSAGE: FLORESCER DA CRIATIVIDADE"

Considerações Finais

Foi observado que as oficinas arteterapêuticas proporcionaram melhoras significantes aos participantes, certificando a eficácia com resultados positivos para a saúde e o bem-estar dos participantes. O grupo beneficiou-se com momentos de relaxamento e prazer, resgate das memórias, fortalecimento da identidade pessoal, aprofundamento dos vínculos afetivos, livre comunicação e da oportunidade de um pertencimento social digno pelos caminhos da Arte. Estes fatores promoveram a elevação do amor-próprio e da confiança pessoal, a melhor conexão com o momento presente e a valorização da sabedoria adquirida pela jornada de vida. Indivíduos sob estimulação criativa permanecem em melhores condições produtivas na velhice e usufruem de maior qualidade de vida. (FABIETTI, 2015).

Verificou-se com veemência, que a criatividade humana se conserva na velhice como uma semente potente a espera de solo fértil e condições favoráveis à sua germinação e florescimento natural.

Criar com a Arteterapia em todas as idades, além de salutar, pode ser extremamente enriquecedor por mobilizar forças interiores e permitir a imaginação vir à tona. Criador, criatura, criança... Seriam estas as raízes de todas as coisas? E o amor? Seria ele a fonte primordial e a matriz congênita que atesta a magnitude da criação? Neste processo buscou-se disseminá-las juntas: Criar com Amor...



Figura 146 "Da esq. para a dir. Dália Laranja, Sakura Rosa, Violeta Violeta, Girassol Amarelo e Lírio Selvagem Azul"

Data de aceite 1º parecerista:02.05.2018

Data de aceite 2º parecerista: 07.09.2018

Referências Bibliográficas

BERNARDO, P. P. Arteterapia e mitologia criativa: orquestrando limiares. São Paulo: Ed. do autor, 2010.

BERNARDO, P.P. A Prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos, Vol. V: alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia, transformação e individuação. São Paulo: Artepinna Editorial, 2013.

BRANDEN, N. Auto-Estima Como Aprender A Gostar De Si Mesmo. São Paulo: Saraiva 2000.

CARVALHO, E. M. M. O Pensamento Vivo de Jung. São Paulo: Ed. Martin Claret, 1986.

CIORNAI, S. Percurso em Arteterapia; arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Ed. Summus, 2004.

- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A.. **Dicionário de Símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CHIESA, R. F. **Diálogo com o barro: o encontro com o criativo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- CÔRTE, B., MERCADANTE E. F., ARCURI I. G. **Velhice e envelhecimento complex (idade).** Psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano. São Paulo: Vetor, 2005.
- DOURLEY, J. P. **A Doença Que Somos Nós.** São Paulo: Paulinas, 1987.
- FABIETTI, D. M. F. **Arteterapia e Envelhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
- GRINBERG, L. P. **Jung o Homem Criativo.** São Paulo: Por Outro Lado, 2003.
- JUNG C. G. **Memórias, Sonhos e Reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- NERI (org.). A. L. **Qualidade de Vida e Idade Madura.** Campinas, SP: Papirus, 1993.
- OSTROWER, F. **Criatividade e Processo de Criação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- POMERANZ, C.T. **Arteterapia nas paisagens da velhice: Método PREAMAR de intervenção,** 2017. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SILVA, T. M. A., MIOTTO, E. C, MOREIRA, S. V. **Musicoterapia, Reabilitação Cognitiva e Doença de Alzheimer: Revisão Sistemática.** Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XIV, 2014.
- SILVEIRA, N. **Jung: Vida e Obra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOUZA, O. R. **Longevidade com Criatividade**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2005.

SOUZA, S.F. **DO LAMENTO À ESPERANÇA: melhorando a qualidade de vida de idosos institucionalizados por meio da Arteterapia**, 2016. Congresso Nacional de Envelhecimento Humano. Belo Horizonte.

Artigo original

ARTETERAPIA E AS DEUSAS: UM RECURSO PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR.

ARTETHERAPY AND THE GODDESS: A RESOURCE FOR WOMEN IN THE SITUATION OF INTRAFAMILY VIOLENCE

Bruna Monteiro Correard⁸

Elisabete Cristina Carmio Beltrame⁹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apontar aspectos conceituais e práticos sobre uma intervenção realizada com sete mulheres de idades entre vinte e seis e cinquenta e quatro anos, em situação de violência intrafamiliar, atendidas por uma instituição do Terceiro Setor de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Foram realizadas vinte oficinas arteterapêuticas semanais no período de cinco meses, utilizando-se dos recursos mitológicos: as deusas gregas. A escolha do referencial teórico se justifica pelo intuito de ampliar os recursos de enfrentamento das vulnerabilidades e fortalecimento da autoestima, através da relação simbólica com as figuras arquetípicas. Os resultados sugerem que foi possível às participantes o reconhecimento de suas necessidades e potencialidades.

Palavras-chave: Mulheres. Violência Intrafamiliar. Arteterapia. Mitologia Grega. Deusas. Psicologia Analítica.

ABSTRACT

The objective of this study is to identify conceptual and practical aspects of an intervention with seven women aged between fifty - four and twenty - six years, in situations of intrafamily violence, attended by a Third Sector institution from a city in

⁸ Graduada em Psicologia (UNIP), pós graduada em Psicologia Jurídica (Sedes Sapientiae) e Arteterapeuta (NAPE). Atuação com políticas públicas e interface com a justiça.

⁹ AATESP (221/081) Professora nos cursos de Pós graduação em Arteterapia NAPE- São José dos Campos e Integrarte – Belo Horizonte; Graduada e Mestre em Psicologia pela USP

the interior of the State of Sao Paulo. Twenty weekly workshops were held in the five-month period, with art therapy activities and the goddesses of Greek mythology. The choice of the theoretical framework is justified by the intention of expanding the resources of coping with vulnerabilities, through the relationship with archetypal figures. The results suggest that participants were able to recognize their needs and potentialities.

Keywords: Women. Intrafamily Violence. Art therapy. Greek mythology. Goddess. Analytical psychology.

Introdução

Este artigo relata uma proposta de intervenção com mulheres em situação de violência intrafamiliar, que se utiliza de atividades sobre as deusas da mitologia grega, através de técnicas de arteterapia com base na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

A Arteterapia é um recurso que favorece a simbolização no processo terapêutico de grupos e indivíduos, sua utilização ocorre através de atividades com técnicas diversificadas, como desenhos, pinturas, construções de objetos e expressões de diferentes formatos que permitam trazer à consciência aspectos inconscientes da psique.

As técnicas de intervenções escolhidas foram relevantes ao fortalecimento da autoestima e, conseqüentemente, ao enfrentamento das dificuldades mediante a situação de vulnerabilidade social, possibilitando que além do enfrentamento, o olhar simbólico destas mulheres se voltasse a si mesmas como sujeitos de direitos.

Considerando a vulnerabilidade social da população que participou deste estudo, o arquétipo das deusas gregas possibilita a produção de símbolos associados à força feminina, influenciando a promoção de uma ação, e esta ação pode ser transformadora.

Segundo Diniz (2015), o recurso de técnicas com deusas da mitologia grega, de referencial da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, favorece o encontro das mulheres com arquétipos e símbolos presentes na macro cultura, ou seja, com um conjunto de padrões de comportamento comuns e conectados através do inconsciente coletivo.

Ainda de acordo com a referida autora, entrar em contato com este arsenal de estímulos favorece a conscientização das potencialidades de si mesma, com a introjeção de características simbólicas oriundas dos arquétipos das deusas, além de ser um elo de acesso à essência da mulher (Diniz, 2015).

A importância da vivência da Arteterapia com mitologia grega e os arquétipos da deusa também é descrita por Bernardo (1999) apud (Bernardo, 2013, p. 219), “[...] A energia liberada e movimentada nesse processo pode ser então canalizada em direção a novas formas de ser-no-mundo, de posicionamento e relacionamento”.

Violência de gênero

Ao abordar a violência contra mulheres, se faz crucial uma reflexão sobre gênero, este é considerado uma construção social e relacional. Historicamente, as mulheres foram tratadas como inferiores, com poucas possibilidades de existência além de casamento, maternidade, recato sexual etc. Ainda que a contemporaneidade e os movimentos sociais feministas tenham obtido conquistas a partir do século XX, até o momento atual existem muitos desafios quanto ao lugar que o imaginário social destina às mulheres no mundo. (Almeida; Nozawa; Romera, 2008).

No que se refere à violência de gênero, este conceito não se restringe somente a mulheres em situação de violência doméstica ou intrafamiliar, abrange crianças e adolescentes, violência entre mulheres e entre homens e mulheres. A terminologia engloba violência com uso de poder de uma pessoa sobre outra. Portanto, dentre as multiplicidades de violência classificadas no conceito de gênero, destaca-se a violência cometida contra as mulheres. (Araújo, 2008).

Uma das causas da violência de gênero se relaciona diretamente à cultura do patriarcado, na qual é estabelecida uma relação onde é delegado ao homem o direito de controle sobre a mulher, que é colocada na condição submissa de objeto, sendo que uma das formas de dominação é a violência física. O patriarcado exerce uma influência simbólica na representação social instituída, interfere no discurso em massa e reitera seu lugar de preponderância como uma prática legitimada na cultura (Araújo, 2008).

As transformações na sociedade - decorrentes de lutas para mudanças de paradigmas - autorizam a mulher, no discurso manifesto, a ocupar outros espaços, como a mudança da dedicação exclusiva com o ambiente doméstico para a inserção no mercado de trabalho, cada vez mais crescente entre o público feminino. Porém, a construção social de gênero simbolicamente ainda institui e mantém o discurso patriarcal dominante. Um exemplo é a atribuição de caracteres como instinto materno inato, poder exclusivo de resolução dos conflitos familiares e dedicação ao outro em detrimento de si como uma postura que atenda às expectativas da representação social sobre ser mulher.

Os impactos do imaginário coletivo sobre ser mulher na sociedade devem ser analisados de forma crítica e trazidos à compreensão de sua conexão com a

subjetividade de mulheres que buscam alternativas de enfrentamento à violência e às repressões sofridas em diversas instâncias, de modo que seja construído um espaço interventivo que priorize o autoconhecimento e a liberdade de expressão criativa como caminho de ensaio a uma ação transformadora de sua realidade.

Arteterapia

A Arteterapia pode ser descrita como um processo terapêutico que se utiliza de recursos diversificados da arte, entendida como “processo expressivo”, ou seja, não há prioridade estética, técnica ou acadêmica em relação aos trabalhos criados. Através do uso de símbolos, formas e cores, as produções se tornam recursos facilitadores de contato com questões inconscientes de que se pode adquirir consciência, no que Jung nomeia de processo de individuação (Philippini, 2013).

Philippini (2013) compreende esta trajetória como um “tornar-se um ‘indivíduo’”, ou seja, o sujeito gradualmente fortalece a integração de sua psique para lidar com adversidades, fragilidades e potencialidades, o que favorece maior consciência de si, do uso de recursos internos mais eficazes à solução de conflitos, além de ampliar a percepção da interação interpessoal e seu modo de existência frente à realidade interna e externa.

No Brasil, a Arteterapia traz como referência a psiquiatra Nise da Silveira, que na metade do século XX, foi contrária aos métodos de tratamento da psiquiatria que violavam a dignidade humana. Conforme Reis (2014), Nise criou novas possibilidades no campo da saúde mental, desenvolveu um trabalho de Arteterapia com sujeitos internados em Hospital Psiquiátrico e pôde constatar em sua prática a relevância de recursos terapêuticos pautados na intervenção de Arteterapia.

Nise da Silveira analisou os símbolos presentes nos trabalhos de seus atendidos e fez uma leitura fundamentada nos mitos em seu aspecto arquetípico. Realizou seu trabalho fundamentalmente na expressão e criação livres, porém o trabalho em Arteterapia de modo mais amplo também pode ser direcionado aos objetivos e temas diretamente ligados ao caso em questão, visto que isto contribui para o processo de individuação (Reis, 2014).

Segundo Philippini (2013), a Arteterapia é um campo do saber transdisciplinar que não deve se restringir a apenas uma área de conhecimento, considerando as multiplicidades possíveis à sua prática. A Arteterapia pode ser utilizada como um recurso de fortalecimento da criatividade e de promoção de saúde nos diferentes contextos.

Arteterapia e as deusas gregas: um recurso terapêutico possível

O recurso das deusas gregas se apresenta como um conjunto de padrões de comportamentos instintivos similares universalmente, ou seja, os arquétipos representam metáforas presentes no inconsciente coletivo e que se tornam facilitadores subjetivos de insights, cujo encontro com o humano permite que o sujeito se depare com sua própria essência (Diniz, 2015).

Conforme as palavras de Diniz (2015), os arquétipos das deusas são facilitadores do acesso à própria dinâmica de personalidade e polaridades, do contato com sentimentos e conseqüentemente favorecem o autoconhecimento. A autora aponta que também se caracterizam como recursos com viabilidade à transformação e diz que estas energias podem ser ativadas como potenciais em diversas situações da vida cotidiana. Porém, para isto é importante considerar alguns fatores subjetivos,

como a interação, a predisposição pessoal, a família, a cultura e o momento de vida em que cada pessoa se encontra.

Em seu estudo, Diniz (2015) apresenta revisão teórica que aponta a divisão das deusas em três grupos distintos, o primeiro grupo é o de deusas invulneráveis, o segundo grupo é de deusas vulneráveis e o terceiro grupo de deusas alquímicas. Esta divisão se pauta em agrupar as deusas que apresentem diferentes características e aspectos que têm utilidade interventiva e expressiva na vida das mulheres.

Diniz (2015) informa que as deusas do grupo de invulneráveis são Artémis, Atená e Héstia, e seus arquétipos representam por independência e autonomia. A terminologia invulnerável se remete ao fato de estas deusas não se submeterem à submissão por parte de seus pares masculinos no geral.

Ártemis é conhecida como a deusa da caça, seu arquétipo apresenta uma natureza indomada, ligada aos instintos e às atividades ao ar livre. Não se sente confortável nas cidades, costuma adotar uma postura de esquiva e reserva nestes ambientes, se sente pertencente às matas. Mesmo quando idosa mantém um corpo atlético e fortalecido para a prática esportiva, se nutre de energia física como energia vital, diferentemente de sua irmã Atená, que traz como força a energia do intelecto (Woolger e Woolger, 2007).

Atená potencializa os aspectos da vida moderna ligados ao intelecto, à ciência e à tecnologia. É considerada a deusa da sabedoria (Diniz, 2015). Atená traz aspectos masculinos e femininos, o que faz com que não precise de uma figura masculina para adquirir agressividade, racionalidade ou autoridade, e quando se permite uma relação afetiva, espera que seu par seja similar a ela no que diz respeito à independência emocional. Porém, o arquétipo também traz de maneira oculta uma

barreira de acesso à sua vulnerabilidade e ao encontro de sua personalidade feminina integral (Woolger e Woolger, 2007).

Héstia é uma deusa pouco abordada por alguns autores, é a irmã mais velha de Zeus, e é simbolizada pela lareira redonda. Seu arquétipo traz como centro a quietude e o silêncio interior, o que se denomina de encontro com o “eu” (Diniz, 2015).

O grupo de deusas vulneráveis mencionados por Diniz (2015) é composto pelas deusas Hera, Deméter e Perséfone, que representam respectivamente os arquétipos de esposa, mãe e filha. As características destes arquétipos são caracterizadas pela necessidade de vínculo e sintonia com o outro, orientação para relacionamento interpessoal como um recurso para atingir bem-estar. O termo vulnerável é contextualizado pelo fato de terem sido violadas de alguma forma por seus pares masculinos, e pelo fato de sua percepção ser difusa, apesar de não prejudicar a compreensão dos fatos.

Hera é uma deusa ligada aos valores patriarcais, representa a figura da matriarca. Seu arquétipo traz o poder de si mesma e a governança em relação ao companheirismo no casamento, nas relações duradouras e na integridade na relação com a comunidade. Hera administra a vida de esposa e mãe com a carreira e a prosperidade, não se permitindo submissões ao outro (Diniz, 2015).

Deméter apresenta características similares à Grande Mãe, representa a deusa da maternidade, rege a fertilidade, as plantações e as colheitas. Deméter cuida da proteção de crianças e seres em crescimento no geral. Seu aspecto desafiador é promover autocuidado e superar a tendência à dependência emocional do parceiro e dos filhos (Diniz, 2015).

Conforme Diniz (2015), **Perséfone** é a deusa do submundo, que permite a conexão com aspectos transpessoais, como o inconsciente mais profundo, os sonhos, a espiritualidade. Representa a transformação e as rupturas, através do mito de Coré - no qual ainda menina é raptada por Hades, o Senhor da Morte, e casa-se com ele, se tornando a rainha do submundo - traz o símbolo da individuação e da transformação da menina em mulher. Esta transição é possível quando a mulher consegue romper com os aspectos sombrios da psique, representada pelo mundo avernal (Woolger e Woolger, 2007).

A última categoria descrita no trabalho de Diniz (2015) é o grupo de deusas alquímicas, representada por **Afrodite**. Esta deusa traz a característica da mulher autônoma e independente, mas voltada a relacionar-se com o outro de forma receptiva à troca afetiva. Outras características são a valorização do processo criativo, da abertura às mudanças e transmutações pelas quais passa o humano.

Afrodite simboliza o amor voltado para as relações adultas, entre pessoas que apresentam maturidade e tenham deixado a posição infantil. Esta deusa auxilia as mulheres a se depararem com o outro como em sua real essência, desmontando relações pautadas em idealização. Afrodite favorece o estabelecimento de laços profundos e reais entre as pessoas. É conhecida como a deusa da beleza, potencializa o encontro com o belo de si mesmo e do outro, incentiva o desabrochar da criatividade e do autocuidado (Diniz, 2015).

O conjunto de características diversas e complementares presentes nos arquétipos das deusas permite estimular a criatividade e ampliar o repertório de recursos de enfrentamento. Esta jornada pode ser iniciada através da arte-terapia rumo ao processo de individuação, que é constante e transformador à medida que se

depara com investimento afetivo e identificação com arquétipos que refletem atitudes viáveis ao enfrentamento do cotidiano.

Metodologia e resultados

O público alvo deste estudo é um grupo de sete mulheres, com idades entre vinte e seis e cinquenta e quatro anos, encaminhadas por uma instituição do Terceiro Setor de um município do interior do Estado de São Paulo. É um grupo com a característica de violência sexual intrafamiliar e/ou extrafamiliar sofrida pelos filhos e um neto das participantes.

A metodologia interventiva se deu em encontros semanais com atividades de arteterapia relacionadas aos arquétipos das deusas. Cada técnica utilizada foi escolhida por apresentar relação direta com potencialidades atribuídas ao arquétipo de cada deusa. As produções que serão exibidas permitem realizar conexões acerca da técnica utilizada e sua relação simbólica, com base no referencial teórico de Diniz.

Diniz (2015) define Artémis como a guerreira destemida, que simboliza a independência em todos os seus aspectos, o culto à natureza, a não submissão nas relações e a atitude de enfrentamento ativa. Artémis com o arco e flecha representam a caça que empreende rumos aos seus sonhos. Para ativar o arquétipo desta deusa foi construído o instrumento de poder arco e flecha, com galhos secos, barbante, penas e tinta, ilustrado na figura 1.



Figura 1 - Arco e Flecha – Participante R1.

A atividade da figura 2 tem influência do arquétipo de Atena, que segundo Diniz (2015) representa uma deusa invulnerável, ou seja, que não aceita a submissão ao outro. É uma figura ligada à vida profissional e traz o aspecto racional que auxilia a obter foco e direcionamento. A atividade escolhida foi o “Olho de Deus”, uma mandala feita com palitos de madeira e lã. Simbolicamente, enquanto as pessoas tecem a mandala, o emaranhado de fios que se organiza para dar forma ao trabalho representa a organização interna emergindo.

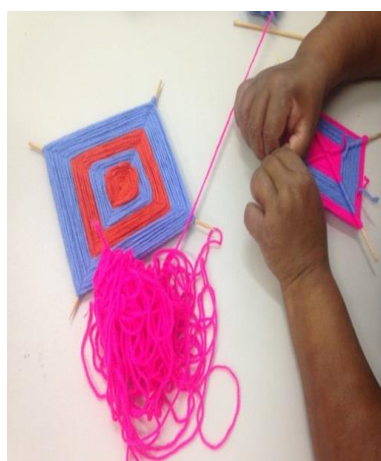


Figura 2 - Olho de Deus – Participante V1.

Hestia é definida por Diniz (2015) como a deusa mais velha, simbolizada pela solidão, ou seja, o estar sozinha consigo mesma. Este arquétipo é de grande relevância para intervenções que se proponham a fortalecer a introspecção e o aconchego de pertencer a si mesmo. Foi proposta atividade de construção do Santuário Interior de cada uma, simbolizando a auto referência como um fator de fortalecimento. A figura 3 ilustra um dos trabalhos produzidos. Os materiais utilizados foram reciclados, bola de isopor, papéis, argila e tinta.



Figura 3 - Santuário interior – Participante A1

A figura 4 ilustra a atividade de construção do Cedro de Hera, ou Bastão de poder. Os recursos utilizados foram palitos de madeira, cola, miçangas e papel laminado, além de impresso com características da deusa para contextualização do grupo sobre as características da deusa relevantes à atividade, como a conciliação da vida conjugal com a liberdade de decisões sobre aspectos pessoais e subjetivos. O objetivo esta atividade foi resgatar e fortalecer o poder de si mesma, conforme as palavras de Diniz (2015) em seu livro no arquétipo de Hera, como a esposa, que apesar de ter sido violada pelo marido através da traição, e de ser ligada às tradições e não romper com o patriarcado, consegue administrar a carreira e a individualidade,

ou seja, não permite que seja retirado o poder de si mesma. É uma das deusas que integra o grupo de deusas vulneráveis, modelo proposto por Diniz.



Figura 4 - Construção do Cedro. Todas as participantes da atividade.

Na figura 5, a atividade foi construir um presente a si próprio, em referência ao arquétipo da deusa Deméter. Conforme Diniz (2015) aponta em seu livro, Deméter é a figura da “grande mãe” e traz características como o cuidado com a terra, a colheita, os animais, os cônjuges e os filhos, porém a polaridade negativa da deusa aponta a dificuldade no cuidado de si mesma e a tendência a estabelecer relacionamentos cujo vínculo é simbiótico. Por isto, é uma das deusas nomeadas pela autora supracitada como vulneráveis. Na confecção da atividade foram fornecidos materiais como sucata, tecido, papel, papelão, canetas, tesoura, cola e estilete. O objetivo foi sensibilizar ao autocuidado como um fator relevante ao enfrentamento de obstáculos, respeitando os próprios limites e permitindo que se estabeleça uma relação afetiva da pessoa consigo mesma.



Figura 5 - Presente a si mesmo. Participante M1.

A figura 6 é da atividade de confecção de uma boneca, fundamentada na deusa Perséfone e o mito de Coré. A boneca escolhida foi a Abayomi – que significa “algo precioso” que as mães confeccionavam aos filhos nos navios negreiros. Utiliza-se de tecido de cor preta e retalhos coloridos e tesoura, é feita com nós, sem costura. A boneca simboliza a transição emocional da dependência para a independência emocional da menina com a mãe. Os autores Woolger e Woolger (2007) citam que este rito de transição é importante quanto ao posicionamento da mulher no que diz respeito às relações afetivas que irá vivenciar, ou seja, a autonomia emocional que passa a conquistar em relação à mãe também refletirá nos relacionamentos conjugais. Portanto, a atividade é uma ferramenta que ao mesmo tempo revive o aspecto Coré e propõe sua transição ao aspecto adulto do arquétipo desta deusa.



Figura 6 - Boneca Abayomi – participante S1

Afrodite é definida por Diniz (2015) como uma deusa Alquímica, isto significa que o arquétipo desta deusa aborda uma mulher fortalecida, que se comunica de forma assertiva nas relações interpessoais, valoriza o que é belo não no sentido meramente estético, mas no aspecto das potencialidades. Afrodite auxilia na comunicação adulta entre parceiros, na criatividade e na autoestima da mulher que se conecta ao seu arquétipo. Para esta deusa foi utilizada a atividade de decoração em espelho, ilustrada na figura 7. O intuito foi de repensar o olhar que se tem para as relações, para o potencial criativo e as expectativas. O material utilizado foi espelho, miçangas, papel camurça e cola quente.



Figura 7 - Decoração de Espelho – Participante S1.

Quanto aos resultados, Deméter favoreceu a identificação com o arquétipo materno, com isto as atividades desta deusa foram confortáveis ao grupo, com relação ao manuseio dos materiais e às vivências trazidas, exceto para M1. Esta participante sofreu violência sexual cometida pelo padrasto por uma década e teve uma filha com o agressor. Portanto, sua vulnerabilidade emocional com as figuras parentais permitiu que transparecesse a vivência do polo negativo de Deméter, ou seja, a dificuldade em promover seu autocuidado. Apesar do desconforto que sentiu com algumas atividades deste arquétipo, como por exemplo, o manuseio da argila, na atividade ilustrada neste artigo (Figura 5), pôde obter resultado satisfatório ao enfrentar o polo negativo de Deméter e sentiu satisfação e bem-estar ao criar algo para si. Verbalizou que sua produção ficaria na parede de seu quarto, como o primeiro objeto que fez para se presentear.

Hera possibilitou a introspecção acerca da atitude de não delegar ao outro o poder de decisão sobre a própria vida em paralelo à manutenção dos vínculos conjugais. Há destaque para a participante mais velha do grupo: lembrou que deixou de cultivar o jardim que tinha pelo fato de o marido ter colocado empecilhos e ter se mostrado queixoso quando ela se propunha a expandir sua rotina para atividades prazerosas para si mesma, como pintura em telas, etc. Outra participante mencionou no dia desta atividade que o marido pediu a ela que faltasse ao grupo naquele dia, mas não cedeu ao pedido e disse que o grupo a estava auxiliando a se manter mais calma e centrada no ambiente de trabalho.

A deusa Perséfone em seu aspecto Coré fez com que o grupo pudesse reviver a criança ferida de seus filhos vitimados e delas mesmas, representando a

complexidade que é fazer a separação psicológica da mãe, que permite maturidade no que Jung chama de processo de individuação. Há destaque para a participante mais velha do grupo, que também realizou as atividades de todo o processo arteterapêutico na presença da filha. Ao confeccionar a boneca (Figura 3), a participante interferiu o tempo todo no processo de criação da filha R1, o grupo percebeu e foi dito a ela sobre a dificuldade em deixar que a filha possa criar e existir livremente.

Através da atividade “Olho de Deus”, Atena foi simbolizada pelo recurso de organização interna representada pela organização dos fios que dariam forma à mandala criada. Em um primeiro momento esta atividade provocou ansiedade no grupo, diante do desafio de unir as linhas na criação da mandala, algo que parecia além das capacidades das participantes, porém ao obterem êxito, a atividade proporcionou entrega. Houve verbalização de uma participante de que a atividade contribuiu de forma terapêutica para o olhar que lançava sobre os problemas trazidos e a busca de alternativas, disse ainda que iria comprar o material para fazer mais mandalas em sua casa.

Afrodite despertou nas participantes sentimentos diversificados, como o desejo de promover autocuidado, conforme feedback da participante M1. Esta deusa também possibilitou que três participantes verbalizassem que haviam se deparado com a falta: o vazio no outro e em si mesmas. A falta provoca angústia, ao passo que instiga à reinvenção. A atividade com espelho foi uma intervenção direcionada a questionar a idealização nas relações de amor romântico que distanciam a construção de uma relação adulta possível com o outro real e não imaginado. O espelho que

recebeu enfeites e modificações também simboliza as mudanças que cada participante propõe diante da imagem refletida neste espelho.

Héstia possibilitou entrar em contato com a essência. O santuário interior foi representado por aspectos da natureza na maioria dos trabalhos feitos, as participantes atribuíram esta natureza ao bem-estar vivido em momentos que recordaram e que gostariam de resgatar.

Artémis se mostrou um desafio, pois o grupo trazia mais aspectos de identificação com as deusas vulneráveis. A aproximação com Artémis fez com que o grupo revivesse o parto, surgiram conteúdos de violência obstétrica e de doenças, como a osteoporose da participante mais velha. Artemis simbolizou os desafios de renascer e dos entraves para inserir características deste arquétipo em sua identidade e romperem com estereótipos de gênero relacionados à postura de submissão que as mulheres são incentivadas a adotar.

De modo geral, as deusas inicialmente foram percebidas como mulheres distantes da realidade em que vivem, porém, conforme entraram em contato com suas profundezas, foi possível que se identificassem com deusas gregas e com isto fossem além da demanda de busca de recursos ao enfrentamento da violência intrafamiliar: houve espaço para pensar no desejo de si mesmas, ainda que a realidade objetiva atual não seja proporcional ao lugar simbólico que se permitiram projetar e imaginar.

Considerações finais

Atualmente, as mulheres são protagonistas de mitos em suas jornadas existenciais, se permitem fazer escolhas, tomam decisões, enfrentam situações

delicadas que envolvem privação, crueldade, carência afetiva, mas criam possibilidade de salvação, reagindo no presente e programando o futuro, conscientes de que são frágeis em meio às turbulências da vida, mas que são capazes de mudar o curso de suas histórias (Ribeiro, 2008).

A busca de fortalecimento da autoestima é um caminho viável diante da percepção da mulher sobre as relações interpessoais que a atravessam e pelas quais é atravessada, no intuito de simbolizar um lugar possível de descoberta de si mesma, da ampliação dos papéis para além da visão do patriarcado de que a maternidade e os cuidados com a casa e a família devem ser única e exclusivamente seu objetivo de vida.

É desafiadora a consolidação de uma autonomia emocional frente aos laços sociais que provocam culpabilização da mulher, que transcende e se depara com sua essência como um caminho possível, para além de uma satisfação que se limita ao âmbito da fantasia. Desta forma, a arteterapia é favorecedora para enfrentar tal desafio e auxiliar na elevação da autoestima das mulheres em situações de vulnerabilidade.

Data de aceite 1º parecerista: 31.08.2019

Data de aceite 2º parecerista: 04.09.2019

Referências bibliográficas

ALMEIDA, E.O.S.; NOZAWA, T.N.; ROMERA, V.M. **Violência intrafamiliar contra a mulher: intervenções do Assistente Social.** Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/issue/view/34>>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

ARAUJO, M.F. **Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação.** Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

BERNARDO, P.P. **A Prática da Arteterapia: Correlações Entre Temas e Recursos** - Volume VI: amor, sexualidade, o sagrado e a arteterapia: aproximações mitológicas entre Oriente e Ocidente. 2 Ed. São Paulo: Arteterapinna, 2013.

DINIZ, L. (ORG). **Arteterapia e as Deusas: Vivenciando o Olimpo.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

PHILIPPINI, A. **Cartografias da coragem: Rotas em Arteterapia.** Rio de Janeiro: Pomar, 2013.

REIS, A.C. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 Mai. 2018.

RIBEIRO, M. A. **As faces e o significado arquetípicos da deusa na vida e na arte.** Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/viewFile/1383/1053>. Acesso em: 13 Ago.2019.

WOOLGER, J.B.; WOOLGER, R.J. **A Deusa Interior: Um guia sobre os mitos femininos que moldam nossas vidas.** São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica, relatos de experiência, resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses.
2. Antes do encaminhamento dos trabalhos para o Conselho Editorial da Revista da AATESP, estes devem ser submetidos à revisão da língua escrita por um profissional habilitado, ficando para o parecerista a responsabilidade pela análise do conteúdo do trabalho.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” devem ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados pelas Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. Em caso de artigos de profissionais de outras áreas que fizerem uso da Arteterapia em seus trabalhos de pesquisa, estes poderão ser submetidos à nossa apreciação, desde que assinados por um profissional arteterapeuta, co-autor, validando as intervenções arteterapêuticas aplicadas e obedecido o mesmo critério do item anterior em relação ao mesmo.
5. Trabalhos de cunho teórico com o objetivo de contribuir para a expansão dos estudos na área da arteterapia também podem ser apresentados para nossa apreciação, haja vista a importância da relação da arteterapia com outras áreas do conhecimento.
6. Os artigos e relatos de experiência devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
7. O autor deve enviar o trabalho somente para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
8. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 palavras-chave. O título, o resumo e as palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
9. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
10. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e palavras-chave, conforme instruções do item 6.
11. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
12. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
13. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

◆ Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

◆ Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

◆ Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

◆ Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

◆ Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos:

“Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

◆ **Citações diretas com menos de três linhas** devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

- ◆ **Citações diretas com mais de três linhas** devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas. Exemplo: Goswami (2000) explica que:

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

- ◆ **Citações indiretas** devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

- ◆ Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.